

AMORES DO DIABO

POR

Jacques Cazotte



JACQUES CAZOTTE

O autor dos "Amores do Diabo" pertence à classe de escritores que, à imitação de alemães e ingleses, são denominados "humorísticos" e que entraram em nossas formas literárias envernizados de imitação estrangeira. O espírito são e sensato do leitor francês a custo se presta aos caprichos das fantasias desatadas, salvo quando elas atuam entre os limites tradicionais, e já aceitos, de contos de fadas e pantomimas teatrais. Apraz-nos, então, a alegoria, diverte-nos a fábula. Estão repletas as nossas livrarias desses brinquedos de espírito, primeiro engenhados para crianças, depois para damas, e também para homens com sérias ocupações.

Os homens do século XVIII vagavam muito traz semelhantes leituras. Nunca, ficção e fábula andaram tanto em voga como então. Escritores seríssimos: Montesquieu, Diderot, Voltaire acalentavam e adormeciam com lindos contos àquela sociedade que ia ser destruída pelo doutrinamento deles mesmos. O autor do "Espírito das leis" escreveu o "Templo de Guido"; fundador da Enciclopédia deliciava o gentio das alfurjas com o Pássaro branco, e As Jóias Indiscretas; o autor do Dicionário Filosófico lardeava a Princesa de Babilônia e Zadig das

maravilhosas imaginativas do Oriente. Era tudo isso invenção, e espírito, e nada menos que do mais seletto e gracioso.

Entretanto, poeta e crente de sua fábula, narrador capacitado de sua lenda, fantasista que desse tons sérios ao delírio de sua idéia, disse é que não havia topar no século dezoito, época em que os padres poetas se inspiravam na mitologia, e os poetas leigos fabulavam com os mistérios cristãos.

O público daquele tempo espantar-se-ia se soubesse que havia em França um narrador - sincero e espirituoso a um tempo - que continuava as *Mil e uma Noites* - a grande obra incompleta que Mr. Galland fadigosamente traduziria - e isso de modo como se os fabulistas árabes lha ditassem, não como quem atamanca obra de imitação grosseira, mas com a gravidade de quem escreve coisa original e importante engenhada por espírito bem identificado às crenças do Oriente. Verdade é que grande parte destes contos ideou-a Cazotte ao pé das palmeiras, ao longo das grandes cordilheiras de S. Pedro, longe da Ásia, é certo, mas debaixo do seu sol refulgente.

Entretanto, o mais das obras deste escritor singular vingou desaproveitado para a sua glória, e tão-somente dos *Amores do Diabo* e de alguns poemas e canções pende a nomeada que lhe ilustrou as desenvolturas da velhice. Ao fechar-se-lhe a vida, desvendou-se o arcano das idéias misteriosas que influíram em quase todos os seus escritos, e lhes acrescem singular valia que tentarem aquilatar.

Vagamente nos entreluzem notícias da primeira idade de Jacques Cazotte. Nascido em Dijon por volta de 1720, cursou as aulas dos jesuítas, como todos os engenhos eminentes desse tempo. Um de seus irmãos, vigário geral de M. de Choiseul, bispo de Chalons, chamou-o a Paris, e empregou-o na secretaria da Marinha, onde, em 1767, obteve a graduação de Comissário. Então começou a entender com letras, e nomeadamente com poesia. Nas salas de seu patricio Rancourt, onde se reuniam letrados e artistas, deu-se ele a conhecer, recitando fábulas e canções, primeiros esboços de um engenho que adiante devia ilustrar-se mais com a prosa que por versos.

Dai em diante, parte da sua vida seria passada na Martinica, onde foi exercer officio de verificador de "*He-sous-le-vent*". Ai viveu obscuramente por espaço de anos, mas respeitado e querido; e lá casou-se com Elisabeth Roignan, filha do Supremo Juiz de Martinica. Voltando com licença para Paris, publicou algumas poesias. São deste tempo duas canções que lhe deram rápida celebridade, como procedentes do gosto, então, na voga, de remoçar o antigo romance ou balada francesa, à feição de "*Sieur de la Monnoye*". Estes foram os intróitos daquele colorido romântico ou romanesco de que a nossa literatura veio a usar e abusar; notável cousa é ver ai, por entre vastas incorreções o gênio aventureiro de Cazotte (1).

Cazotte era apenas ainda o autor modesto de algumas canções e fábulas; mas já o sufrágio do acadêmico Monerif lhe empenhou a fantasia a tratar o assunto de "*Olivier*" na forma de poema em prosa, intrometendo, ao sabor italiano, narrativas cavaleirosas de situações cômicas e aventuras mágicas. Este poema não prima em valor, mas é leitura recreativa de estilo terso.

É do mesmo tempo a composição *Lord improvisado*, novela inglesa escrita no gênero íntimo, e interessantemente urdida.

Não se cuide, porém, que o autor destas fantasias descurasse os seus encargos administrativos. Temos sob mão um trabalho manuscrito que ele dirigiu ao ministro M. de Choiseul, acerca das obrigações do comissário de Marinha, alvitando reformas no serviço com solicitude que decerto lhe foi apreciada. Cumpre ajuntar que Cazotte, quando os ingleses invadiram a colônia em 1749,

portou-se energicamente e revelou ciência militar no guarnecimento da fortaleza de São Pedro. O ataque foi repellido, apesar do desembarque dos ingleses.

Neste em meio, como o irmão lhe falecesse, Cazotte foi à França recolher a herança, e logo requereu reforma, que lhe foi concedida em honoríssimos termos, com título de Comissário Geral da Marinha.



Levou consigo para França a esposa, e foi residir em Pierry, perto d'Épernay, na casa de seu irmão. Resolvidos a não voltarem à Martinica, venderam as que lá tinham ao Padre Lavallette, reitor do colégio de Jesuítas, homem douto com quem ele, enquanto demorou nas colônias, manteve boas relações. O Padre pagou-lhe com letras a sacar sobre a Companhia de Jesus em Paris, perfazendo cinquenta mil escudos. Teve de protestar as letras. A Companhia alegou que o Padre Lavallette se arriscara em indústrias perigosas que ela não confirmava. Cazotte, que envolvera nesse contrato o mais dos seus haveres, foi obrigado a demandar os seus antigos mestres. Desse litígio, ingrato ao seu coração piedoso e monárquico, engendraram-se outros que dispararam depois sobre a Companhia de Jesus, e deram com ela em terra.

Destarte principiaram os reveses daquela vida singular. Não há dúvidas que, então, sofressem algum abalo as suas convicções religiosas.

Animado pelo êxito do poema de “Olivier” deu-se à escrita, e saiu com os Amores do Diabo.

Diferentes méritos dão celebridade a esta obra. Realça entre as outras de Cazotte pela graça e perfeição das particularidades; mas a todas se avanta pela originalidade da concepção. Em França, e mormente lá fora, este livro foi modelo inspirativo de muitas produções análogas.

O fenômeno de tal obra literária não destoa do meio social onde foi produzido. O Burro de Ouro de Apuleio, livro igualmente entranhado de misticismo e poesia, dá-nos o molde de tais inventos nas antigas eras. Apuleio, iniciado no culto de Ísis, pagão iluminado, meio cético, meio crente, esquadrinhando, nos entulhos das teologias desabadas, vestígios das superstições anteriores ou persistentes - já explicando as fábulas com o símbolo, e o prodígio com uma definição vaga das forças ocultas da Natureza, já motejando de sua mesma credulidade, ou desfechando, a espaços, flechas de ironia que desatremam o leitor propenso a dar-lhe crédito - é o corifeu desta fileira de escritores que em França inclui gloriosamente o autor de Smarra, visão antiga e poética realização dos mais surpreendentes fenômenos do pesadelo.

Houve muito quem tivesse os Amores do Diabo em conta de historinha mágica, parecida com outras do mesmo tempo, e digna de ser encadernada com o Gabinete das Fadas.

Quando muito, pô-la-iam de par com os contos alegóricos de Voltaire. Tanto montaria comparar a obra mística de Apuleio às facécias mitológicas de Luciano. Serviu largo tempo o Burro de Ouro às teorias simbólicas dos filósofos de Alexandria; propriamente os cristãos acatarem aquele livro; e Santo Agostinho cita-o respeitosamente como expressão poetizada de um símbolo religioso. Os Amores do Diabo livro digno até certo ponto dos mesmos elogios, marca singular melhoria no engenho e índole do autor.

Portanto, este homem, primeiramente poeta jocoso da escola de Marot e de La Fontaine, depois narrador ingênuo, ora afeiçoado ao colorido dos velhos fabulários franceses, ora enamorado das cintilações da fantasia oriental, vulgarizada pela voga das Mil e uma Noites - mirando mais ao

gosto contemporâneo do que ao pendor de sua própria condição - ei-lo que resvala ao máximo perigo da vida literária, que é compenetrar-se um homem da seriedade das suas imaginações desconcertantes. É certo que nesse dislate assenta a desgraça e glória de insígnies escritores daquela época, os quais escreviam com sangue e lágrimas, atraíam impiedosamente, em prol do vulgo, os mistérios de seu coração e espírito; representavam gravemente o seu papel, como os cósmicos antigos que pintavam o tablado de sangue verdadeiro para regozijo do povo rei. Porém, como esperar, naquele século sem fé e sem clero a pugnar por suas crenças, que houvesse poeta amante de maravilhas puro alegóricas a ponto de se deixar ir depois delas, a pouco e pouco, até esbarrar no mais sincero e ardente misticismo?

Livros respectivos à cabala e ciências ocultas desbordavam, então, das bibliotecas. As mais estupendas especulações da meia idade ressurgiam avantajadas no espírito e ligeiras na forma, de jeito a conciliar as idéias remoçadas aos sufrágios do público, meio ímpio, meio crente, como tinha sido o outro dos derradeiros tempos de Grécia e Roma. O Padre de Villars, Dom Pernety, o Marquês d'Argeans, vulgarizavam os mistérios de *Oedipus Aegyptiacus* e as doudas devaneações dos neo-platônicos de Florença: Pico de la Mirandola e Marcílio Ficino reviviam repassados do espírito almiscarado do século XVIII, no Conde de Gabalis, nas Cartas Cabalísticas e outros produtos de filosofia transcendente ao alcance dos salões. Pelo que, tudo era bacharelar em espíritos elementares, simpatias latentes, encantos, possessões, migração de almas, alquimia, e, sobretudo, magnetismo. A heroína dos Amores do Diabo não é mais nem menos que um daqueles duendes estrambóticos, pintados nos artigos íncubo e súcubo do Mundo encantado de Bekker.

A figura sinistra que o autor atribuiu à galante Biondetta bastantemente argue que ele ainda estava por iniciar, àquele tempo, nos mistérios dos cabalistas ou iluminados, os quais sempre acordadamente distinguiram espíritos elementares, silfos, gnomos, ondinas ou salamandras, dos agentes negros de Belzebut. Sem embargo, conta-se que em seguimento à publicação dos Amores do Diabo, recebeu Cazotte a visita de certo personagem misterioso, de aparência circunspecta, escavacado por olheiras profundas, e envolto em uma capa escura que lhe emproava a estatura respeitável.

Solicitou falar-lhe particularmente. E, logo que ficaram a sós, o visitante chegou-se a Cazotte, trejeitando-lhe umas caretas estranhas, dessas com que os iniciados reciprocamente se dão a conhecer. O pasmado Cazotte perguntou-lhe se era mudo, ou, então, houvesse por bem de se explicar mais ao humano. O outro, porém, o que fez foi mudar a mímica, executando outros sinais mais enigmáticos ainda.

Cazotte fez um gesto de impaciência:

- Desculpe - acudiu o visitante - eu julgava-o dos nossos, e no mais alto grau.
- Não o percebo - disse Cazotte.
- E, a não ser assim, onde achou as idéias que dominam os seus Amores do Diabo?
- No meu espírito, se me dá licença!
- Qual! essas evocações em ruínas, os mistérios da cabala, o poder oculto do homem sobre os espíritos aéreos, as miríficas teorias do poder dos números sobre a vontade, sobre as fatalidades da existência, essas cousas imaginou-as o senhor?
- Li muito, mas sem doutrina, sem método particular.

- E não é franco-maçom?

- Nem isso!

- Pois bem, senhor meu! Quer fosse penetração, quer seja casualidade, o senhor devassou segredos só aceitáveis aos iniciados de primeira ordem, e talvez, daqui avante, o abster-se de semelhantes revelações... seja-lhe útil!...

- Pois que revelei eu? - exclamou Cazotte assustado - Eu que só me empenho em divertir o público e somente avisar que é preciso acautelar-se do diabo!

- E quem lhe diz que a nossa ciência não está relacionada com o espírito das trevas? Pois olhe que a conclusão da sua obra é isso. Eu imaginei-o irmão desleal que traia nossos segredos por qualquer motivo que eu desejava saber. E pois que é profano, ignorante do nosso escopo sublime, eu o instruirei e farei entrar mais a dentro nos mistérios do mundo dos espíritos que nos comprime de todos os lados, e que já intuitivamente se lhe revelou.

Prolongou-se amplamente o diálogo. Discordam os biógrafos quanto ao que disseram; mas concordam todos em assinalar a súbita revelação operada nas idéias de Cazotte, adepto inconsciente de doutrinas, cujos representantes ele pensava já não existirem. Confessou que no seu Amores do Diabo tentara severamente os cabalistas, de quem ele formava idéia muito vaga, e não os supunha tão condenáveis em suas práticas. Acusou-se até de ter algum tanto caluniado os inocentes espíritos que povoam e animam a região média do ar, associando-lhes à personalidade duvidosa de um duende fêmea, que dá pelo nome de Belzebuth.

- Note - tornou-lhe o iniciado - que o padre Kircher, o padre Villars e muitos mais casuístas, muito há demonstraram sua perfeita inocência em matéria de cristianismo. Os capitulares de Carlos Magno, mencionando os espíritos como seres contingentes da hierarquia celeste; Platão, Sócrates e os mais sábios gregos, Orígenes, Porfírio e Santo Agostinho, luminares da Igreja, convieram em estremar o poder dos espíritos elementares do poder dos filhos do abismo...

Não era preciso tanto para convencer Cazotte que devia mais adiante aplicar tais idéias não aos livros, mas à sua vida, mostrando-se convicto delas até os derradeiros momentos.

Prestou-se Cazotte a reparar a culpa malsinada tão depressa quanto era perigoso acarear o ódio dos iluminados, muitos, poderosos e repartidos em seitas, sociedades e lojas maçônicas, em correspondência de uma à outra fronteira do reino. Acusado de haver descoberto aos profanos o segredo da iniciação, Cazotte expunha-se à sorte do Padre Villars que, no Conde de Gabalis, atirara à curiosidade pública, em estilo meio jocoso, a doutrina dos Rosa+Cruz sobre o mundo dos espíritos. Este eclesiástico foi achado morto, um dia, na estrada de Lyon, e deste assassinio só os silfos e gnomos poderiam se acusados.

Não se recusou Cazotte aos conselhos do iniciado, por que essas idéias lhe estavam no seu natural. A inanição dos estudos feitos, sem método, fatigava-lhe o espírito; era-lhe mister, estranhar-se doutrina completa. A dos Martinistas, entre os quais foi recebido, havia sido implantada por Martinez de Pasquallys, renovando simplesmente a instituição dos ritos cabalísticos do século XI, último eco do formulário dos gnósticos, onde o que quer que seja da metafísica judaica se mescla às teorias obscuras dos filósofos alexandrinos.

A escola de Lyon, na qual Cazotte professara, seguia, consoante Martinez, que inteligência e vontade são as únicas forças ativas da natureza, donde se depreende que, para lhe modificar os fenômenos, basta querer e ordenar energicamente. E ensinava mais, que o homem mediante a contemplação de suas próprias idéias, e a abstração de tudo que é mundo exterior e corpo, podia alçar-se ao conhecimento perfeito de essência universal, e à dominação dos espíritos, cujo segredo se contém na Tripla sujeição do Inferno, conjuração onipotente usada pelos cabalistas da Idade Média.

Martinez que semeara a França de Lojas Maçônicas, fora acabar em São Domingos. A doutrina abastardou-se abraçando idéias de Swenderborg e Jacob Boehme, dificilmente consubstanciada no mesmo símbolo. O famigerado Saint Martin, um dos mais moços e ferventes neófitos, aderiu particularmente à doutrina do segundo. Já nesse tempo a escola lionesa se fundira na sociedade dos filaletes, onde Saint Martin recusou entrar, dizendo que eles se ocupavam mais da ciência das almas à laia de Swenderborg que da dos espíritos, conforme Martinez.

Depois, mais tarde, este ilustre teósofo, falando da sua convivência com os iluminados de Lyon, dizia: “Na escola onde professei, há vinte e cinco anos, era freqüente toda a espécie de comunicações: eu participei delas com outros muitos. As manifestações do sinal do Reparador eram lá visíveis: mediante as iniciações preparei-me para elas, mas o perigo de tais iniciações é entregar-se um homem aos espíritos violentos; e não assevero que não fossem de empréstimo as formas que comunicavam.”(2)

O perigo que Saint Martin receava foi rigorosamente o em que se abateu Cazotte, e daí talvez lhe advieram as maiores desgraças de sua vida. Por largo tempo ainda nutriu crenças brandas e tolerantes, visões límpidas e risonhas; assim devia ser nos anos em que compôs os novos contos árabes que, confundidos com as Mil e uma noites, não granjearam ao autor toda a glória que devia disso auferir.

São os principais: A Dama incógnita, O Cavaleiro, O Ingrato punido, O Poder do destino, Simoustophá, O Califa ladrão, que deu a idéia do Califa de Bagdad, O Amante das estrelas, e O Mágico, ou Maugraby, obra cheia de belezas descritivas e interessantes.

Graciosidade e espirituosos pormenores é o que sobreleva nestas composições; pelo que toca à riqueza de invenção não cedem aos contos orientais da mesma forma: isto em parte explica-se com o fato de lhe haver um monge árabe, de nome Dom Chavis, comunicado muitos trechos originais.

A teoria dos espíritos elementares, tão cara às imaginações místicas, aplica-se igualmente, como é notório, às crenças do oriente; os lívidos fantasmas vistos nos nevoeiros do norte, à custa de alucinações e vertigens, parecem, nos livros dele, rajar-se dos fogos e cores de uma atmosfera esplêndida e natureza encantada. No seu conto do Cavaleiro, verdadeiro poema, Cazotte realiza sobretudo o misto da fantasia romanesca e a separação dos espíritos bons e maus, habilmente renovada dos cabalistas do oriente. Os gênios luminosos sujeitos a Salomão travam rijas pelejas com os da seqüela de Ellis; talismãs, conjurações, anéis constelados, espelhos mágicos, todo este laboratório dos fatalistas árabes ata-se e desata-se aí, ordenada e claramente. O herói dá a lembrar o iniciado egípcio do romance de Sethos, que, então, andava na berra. O lanço, em que ele atravessa, por entre mil perigos, a montanha de Caf, palácio perpétuo de Salomão, Rei dos gênios, é a versão asiática do noviciado de Ísis; assim pois, a preocupação das mesmas idéias ressurre, ainda, nas mais diversas formas.

Isto não é dizer que bom número de obras de Cazotte não pertença à literatura comum. Gozou-se da nomeada de fabulista. Na dedicatória que fez do volume de fábulas à Academia de Dijon, recordou-

se de um seu antepassado que, em tempos de Marot e Ronsard, colaborara no progresso da poesia francesa. Quando Voltaire publicou o poema Guerra de Genebra, teve Cazotte a chistosa lembrança de juntar aos cantos do poema incompleto um sétimo canto escrito em tão semelhante linguagem, que o tomaram como de Voltaire.(3)

Dissemos que a ópera-cômica devia a Cazotte o assunto do Califa de Bagdad. Os Amores do Diabo foram, também, representados com o título: O Infante de Zamora. Sem dúvida foi ao propósito disto que um seu cunhado, hóspede na quinta de Pierry, reprovou-lhe que não ensaiasse o teatro, e lhe encareceu as óperas-bufas como obras de grande dificuldade.

- Dá-me uma palavra - disse Cazotte - que eu amanhã cedo terei escrito uma peça desse gênero, a que não faltará nada!

O cunhado, vendo entrar um camponês de tamancos, disse:

- Belo! Seja tamancos! faça uma ópera com isto.

Cazotte pediu que o deixassem só; mas um singular sujeito, que estava no rancho, ofereceu-se a fazer a música à medida que Cazotte escrevesse a ópera. Era Rameau, sobrinho do eminente músico, de quem Diderot contou a vida fantasiosa num diálogo, obra prima, e única sátira moderna capaz de emparelhar com a de Petrônio.

A ópera concluída na mesma noite, foi mandada a Paris, e representada na “Comédia italiana” depois de retocada por Marsoliez e Duni, que não desdenharam associar-lhe seus nomes. Ora Cazotte auferiu daí meramente o interesse de a ver de graça, e o sobrinho de Rameau, gênio desconhecido, continuou como sempre obscuro. Todavia, era este o músico adequado a Cazotte, que, em certo, deveu àquele singularíssimo sujeito extravagantes pensamentos...(4)

As cartas de Cazotte acerca da música, muitas a responder a J.J. Rousseau, referem-se àquela breve divagação no mundo lírico. É anônima grande parte dos seus escritos, depois recolhidos como peças diplomáticas da contenda sobre a ópera. Umas são autênticas, outras duvidosas. Maravilhar-nos-íamos se no catálogo delas entrasse o “Pequeno profeta de Boehmischbroda”, fantasia de particular espírito que assinaria a conformidade analógica entre Cazotte e Hoffmann.

Bela era, então, a vida de Cazotte. Eis aqui o retrato que nos deu Charles Nodier daquele homem célebre que ainda conheceu:

“Cazotte reunia à extremada benevolência, escrita na gentil e doce fisionomia, à ternura de seus olhos azuis expressivamente sedutores, o precioso talento de contar histórias como ninguém, a um tempo ingênuas e fantásticas, reais pela exatidão das circunstâncias, e maravilhosas pela intrusão do magismo. Dera-lhe a natureza dom especial de ver as coisas pela face ilusória, e é sabido se eu era organizado de feitio a deliciar-me nesse gênero de quimeras. Pelo que, logo que um pisar compassado se ouvia no pavimento do quarto vizinho, e a porta dele se abria metodicamente vagarosa, e deixava lampear o clarão da lanterna, em mão de um criado velho, menos ágil que o amo, chamado jocosamente por Cazotte o seu patrício; quando o velho surgia com o seu chapéu tricorne e o amplo casacão de lila verde, acairelado de galão, sapato de biqueira quadrada apresilhados no peito do pé por uma grande fivela de prata, bengala encastoadada de ouro, eu corria sempre para ele, doido de alegria, que os seus afagos aumentavam”.

Nodier dá-no-lo depois a referir um dos contos misteriosos que folgava de contar na sociedade, avidamente atenta. Tratava-se da velhice de Marlon Delorme, que ele tinha visto nos últimos dias

da vida, tendo perto de cento e cinqüenta anos de idade, como depois se verificou nas certidões de batismo e óbito conservadas em Besançon. Nesta controvertida questão da idade de Marlon Delorme, Cazotte depunha como tendo vinte e um anos quando a vira. E assim, dizia ele, que podia transmitir pormenores ignorados a respeito da morte de Henrique IV, da qual Marlon Delorme era contemporânea.

Mas era, então, abundante a safra de narradores maravilhosos. O Conde de Saint Germain e Cagliostro enlouqueciam todas as cabeças, e Cazotte não tinha talvez mais do que eles senão as qualidades literárias e a reserva de sincera honestidade. Se, portanto, cumpre-nos crer na célebre referida das Memórias de La Harp, Cazotte exercitou aí o papel fatal de Cassandra, e não deve ser argüido, como lhe imputaram de estar sempre sobre a trípode.



Diz La Harpe:

“-Parece-me que foi ontem, e isto passou no princípio de 1788. Estávamos a jantar em casa de um confrade da Academia, grande senhor e homem de altos dotes de espírito. Era numerosa a companhia, e de todas as condições: magistrados, palacianos, letrados, acadêmicos etc. Havíamos comido à tripa forra, como era costume. À sobremesa, os vinhos de Malvásia e Constança, davam ao júbilo dos bons convivas àquela demasia de franqueza que nem sempre se mantinha delicada. Era razão de rir sempre, aquele tempo, e tudo era permitido à galhofa.

Champfort lera-nos os seus contos ímpios e libertinos, ouvidos pelas ilustres damas que não recorreram aos leques. Depois, um chuveiro de remosques à religião, com geral aplauso. Ergue-se um comensal de copo em punho, e brada: “- Senhores, tão certo estou que não há Deus, como estou certo que Homero é um parvo”. De feito, tão certo estava ele de uma coisa como da outra. E ao tratar-se ali de Deus e de Homero, houve pessoas que disseram bem dos dois.

Prosseguiu a palestra já mais circumspecta. Exaltam a revolução feita por Voltaire, e concordam ser esse o máximo padrão da sua glória: “Deu o impulso ao seu século, e fez-se ler tanto nas salas como nos pátios” - exclamou um.

E, então, alguém contou entre frouxos de risos que o seu cabeleireiro lhe havia dito quando o empoava: “- Saiba, meu senhor, que eu, apesar de ser um miserável sangrador, não sou mais religioso que qualquer outro.”

Disto concluíram que a revolução consumir-se-ia, e que se a superstição e fanatismo iam ceder o passo à filosofia. E logo entraram a calcular a época, e a recensear quais dos circunstantes alcançariam o reinado da razão. Os mais idosos deploravam-se por não se poderem gabar dessa; os mais novos rejubilavam na verossímil esperança de lá chegar; e todos a um felicitavam a Academia por haver preparado a grande obra, o centro, o quartel-general, o motor da liberdade de pensamento.

Um só dos convivas era estranho às alegrias da conversação, e até dirigia alguns inofensivos gracejos ao nosso radioso entusiasmo: era Cazotte, homem amável e singular, mas desgraçadamente enfatuado em dislates dos iluminados. Este homem ilustrou-se grandemente depois com a sua heroicidade.

Falou ele em tom grave:

- Meus senhores, alegrem-se, que hão de todos ver a grande e sublimada revolução que desejam ardentemente. Sabem que sou um pouquinho profeta. Repito: hão de vê-la!

Responderam-lhe com o estribilho da muda: “- Quem tal diz é grande bruxo!”(5)

- Pois seja assim - tornou ele - mas é talvez preciso ser mais que bruxo para o que tenho de dizer-lhes. Sabem o que virá com a tal revolução para todos os que estão presentes, e qual seja a consequência imediata, o bem provado efeito, as resultas bem palpáveis?

- Ora, saiba-se isso! - disse Condorcet com seu ar sombrio - Um filósofo não desgosta de topar um profeta.

- O senhor Condorcet morrerá prostrado no lajedo de uma masmorra; morrerá do veneno que bebeu para se furtar ao carrasco, do veneno que a bem-aventurança desses dias o forçará a trazer sempre consigo.

Grande espanto! Mas ocorre a idéia de ser Cazotte um sonhador acordado, e todos riem.

- Senhor Cazotte, esse conto é menos apazível que os seus Amores do Diabo, mas que demônio lhe encasquetou nos miolos a masmorra, o veneno e o carrasco? Que há de comum entre isso a filosofia, o reinado e a razão?

- É isto que lhes digo: em nome da filosofia, da humanidade, da liberdade, e no reinado da razão, isto sucederá, e muito quando a razão reinar e tiver templos; - e só ela os terá, então, na França.

- A fé! - bradou Champfort a rir sarcasticamente - fio que o senhor Cazotte não seja um dos sacerdotes desses templos!

- Espero que não, mas o Sr. de Champfort, que há de ser um e digníssimo de o ser, cortará as próprias veias com vinte e dois golpes de navalha de barbear, e ainda assim só há de morrer alguns meses depois.

Entreolharam-se e riram.

- O Sr. Vieq-d’Azir não abriria as próprias veias; mas, depois de as mandar abrir seis vezes em um dia, em seguida a um ataque de gota para melhor êxito morrerá por noite. O Sr. de Nicolai morrerá no cadafalso; o Sr. Bailly no cadafalso...

- Bendito seja deus! - disse Roucher - parece que este senhor só entende com acadêmicos. Que execuções ele vai fazendo! mas eu, graças ao céu...

- O senhor morrerá também no cadafalso.

- Jurou de dar cabo de tudo! - gritaram todos.

- Mas quem é que nos vencerá? Turcos ou tártaros, ou quem?

- A filosofia, a razão. Quem assim os há de tratar senão os filósofos, em cujas bocas estarão continuamente as mesmas frases que os senhores aí vociferam há uma hora, as suas máximas, os versos do Sr. Diderot e da Donzela de Órleans.(6)

E segredavam-se uns aos outros: “Bem sabem que ele é doido”, enquanto Cazotte se mantinha na maior gravidade. “- Não vêem que o homem graceja? E que há sempre o fantástico nos seus gracejos?”

- Convenho - disse Champfort - mas é uma brincadeira nada risonha; acho-a patibular demais. E quando há de acontecer tudo isso?

- Antes de seis anos completos se cumprirá tudo que eu disser.

- O que aí vai de maravilhas! - disse eu - Também entro na conta?

- O Senhor não será da conta por um milagre não menos extraordinário: será, então, cristão.

Grande alarido.

- Ah! - disse Champfort - estou sossegado! Se havemos de morrer quando La Harpe for cristão, somos imortais!

- Pelo que nos toca - disse a duquesa de Grammont - somos felicíssimas, por nada valermos em revoluções; quando digo nada não quero dizer que lhe sejamos de todo estranhas; mas está sabido que o nosso sexo não tem responsabilidade...

- O seu sexo, minhas senhoras, desta vez não as defenderá; e quando mesmo se não se entremettessem, seriam tratadas como homens, tal qual.

- Mas que nos prediz visto isso, Sr. Cazotte? Prega-nos o fim do mundo?

- Do fim do mundo nada sei; mas, o que sei é que a Sra. duquesa será levada ao cadafalso com outras muitas damas, na carroça do algoz, e as mãos amarradas para as costas.

- Ai! Ao menos, em tal aperto, espero que me levem em carro de crepes!

- Não, minha senhora; mas altas damas hão de ir também na carroça, e com as mãos também amarradas!

- Mais altas damas! Quem? As princesas?

- Mais grandes ainda .

Aqui se ergueu um grande rumo na companhia, e o aspecto risonho do dono da casa mudou para sombrio. Era gracejar demais!

A senhora de Grammont, para varrer a nuvem, não insistiu na última resposta; mas disse em tom de mofa:

- Já vêem que nem sequer me deixa um confessor!

- Não, minha senhora, não terá confessor, e ninguém o terá. O último supliciado que terá confessor por obséquio, será...

Fez uma breve pausa.

- Que é o ditoso mortal a quem há de ser concedida essa prerrogativa?
- E não terá outra: será o rei da França.

O dono da casa ergueu-se precipitadamente, e todos nós com ele. Dirigiu-se a Cazotte e disse-lhe com rudeza: “- Meu caro Sr Cazotte, já enfada essa facécia lúgubre; vai longe demais, e expõe a sociedade em que é recebido.”

Cazotte não respondeu, e ia já se retirar, quando a duquesa, sempre gracejando, foi ter com ele.

- Senhor profeta! - disse a dama - leu-nos a *buena-dicha*, e nada nos diz da sua?

Quedou-se ele em silêncio com os olhos no chão; e, passado algum espaço de tempo, respondeu:

- Minha senhora, leu em Josefo o cerco de Jerusalém?

- Li, quem não o leu? Mas imagine que não li!...

- Pois bem, minha senhora... durante o cerco, um homem rodeou sete dias e sete noites a muralha, à vista dos sitiados e dos sitiantes, exclamando sempre com voz sinistra e atordoadora: Ai de Jerusalém, ai de mim! E, de repente, uma grande pedra, arrojada pelas máquinas inimigas, deu nele e despedaçou-o.

Dito isto, Cazotte cumprimentou a duquesa e saiu.

Bem que este documento nos mereça confiança tão somente relativa, - e atida a Charles Nodier que diz não ser difícil naquele tempo antever a revolução que recensearia suas vítimas na mais distinta sociedade, devorando quem a criara - vamos referir uma passagem singular que se nos depara no poema de “Olivier”, publicado trinta anos antes de 93, na qual se nota certa preocupação de cabeças cortadas que pode ser, posto que vagamente, uma alucinação profética:

“Cerca de quatro anos fomos ambos arrastados por encantamentos aos paços da fada Begasse. Esta perigosa feiticeira, vendo com os olhos malévolos o progredir das armas cristãs na Ásia, quis tolhê-las, armando insídias aos cavaleiros paladinos da fé. Edificou daqui perto um palácio soberbo. Desgraçadamente, pusemos o pé nas avenidas do palácio; e para logo, enleados por magia, quando nos cuidávamos fascinados apenas pela beleza do sítio, chegamos ao peristilo do edifício; mas, apenas aqui entramos, o mármore que pisávamos, sólido ao que parecia, greta e abre-se debaixo de nós. Uma inopinada queda nos despenha sobre o girar duma roda armada de lâminas cortantes, que retalham dum traço todas as partes do nosso corpo; e o mais para espanto era que a morte não nos chegava depois de tão estranha dissolução.”

“Levadas de seu próprio pendor, as porções dos nossos corpos caíram em profunda caverna, e aí se amontoaram com um acervo de membros amputados. À imitação de bolas, as nossas cabeças rolavam por ali. Atordoado de todo este movimento estupendo, abri os olhos, passado tempo, e vi minha cabeça enfileirada ao lado de oitocentos de ambos os sexos, de todas as idades e cores, conservando o movimento dos olhos e da língua, e particularmente um mover de queixos que as fazia continuamente abri-las como quem se espreguiça. E nenhuma palavra ouvi senão estas mal articuladas: (7) “Ai! que aborrecimento! que desesperação! E eu, sem poder resistir à impressão que me fazia a condição geral, pus-me a bocejar com eles.”

Vão já antecipados os sucessos

Chegados a dois terços da vida do nosso escritor, entremostremos uma cena dos seus últimos dias. À maneira do próprio iluminado, cruzamos traços do passado com os do futuro.

Era do nosso plano apreciar Cazotte já como literato, já como filósofo místico; mas, se na maior parte dos seus livros, ressoai o sinete de suas preocupações relativas à ciência cabala, cumpre dizer que não vislumbra neles a mínima intenção dogmática; antes parece que não teve parte nos labores coletivos dos iluminados martinistas, e tão-somente lhes aceitou a regra de proceder particular e pessoal. Seria mal comparada esta seita com os institutos maçônicos da época, bem que se assemelhassem nas fórmulas externas. Os martinistas admitiam a queda dos anjos, o pecado original, e o Verbo Reparador; em dogmas essenciais não se dispersando da Igreja.

Saint-Martin, o mais insigne, é espiritualista cristão pelo molde de Mallebranche.

Acima dissemos que ele deplorara a intervenção de espíritos violentos no grêmio da seita lionesa. Como quer que esta expressão deva entender-se, é certo que a sociedade adotou intuitos políticos que afastavam muitos membros. Talvez seja exagerada a influência dos iluminados em Alemanha e França; mas não há de se negar que preponderaram notavelmente na revolução francesa e no impulso do seu movimento. As simpatias monárquicas de Cazotte desviaram-no de tal direção, e lhe impediram de sustentar com o seu talento doutrinas que destamparam em resultados inversos do que se lhe antolhara.

Triste coisa é ver aquele homem, tão prendado como escritor e filósofo, passar os derradeiros anos da vida no dissabor das letras e a pressagiar borrascas políticas que não podia conjurar! Feneceram-lhes as grinaldas da imaginação; aquele espírito de tão claro e francês torneio, formulando peregrinamente as mais esquisitas fantasias, fulge raras vezes na correspondência política que lhe foi causa do processo e da morte. Se é certo que algumas almas têm condão de prever sinistros casos, força-nos ter isso mais em conta da faculdade desgraçada que em dom celestial, pois que, semelhantes à Cassandra antiga, essas almas nem persuadem os outros nem se preservam a si.

Os anos finais de Cazotte na sua quinta de Pierry, em Champagne, oferecem, não obstante, alguns lances de ventura e sossego na vida íntima. Afastado do mundo dos sábios, que apenas freqüentava nas suas idas à Paris, furtando-se ao torvelinho mais vertiginoso nunca das seitas filosóficas e místicas, pai de uma filha encantadora, e de dois filhos cheios de coração entusiasta como seu pai, o virtuoso Cazotte parecia ter agrupado em volta de si todas as condições do porvir tranqüilo; mas as tradições de pessoas que, então, trataram-no, pintam-no assombrado das nuvens que pressentia além do horizonte bonançoso.

Um gentil-homem, chamado Plas, pediu-lhe a mão de sua filha Elisabeth. Eram namorados que se amavam desde meninos; mas Cazotte delongava a resposta definitiva, consentindo-lhes que esperassem.

Ana-Marie, autor agradável e atrativo, refere particularidades duma visita a Pierry por Mad. D'Argèle, amiga desta família. Descreve o belo salão ao rés do jardim, flagrante de perfumes de um arbusto da Colônia transplantado por Mad. Cazotte, e que, na vivenda desta excelente senhora, recebia um aspecto de especial elegância e raridade. Uma negra costurava ao pé dela. Aves americanas, curiosidades dispostas sobre os móveis, e bem assim o traje e penteado tudo falava saudades daquela dama a levarem-lhe a alma à sua primeira pátria. Era perfeitamente bela com sempre fora, bem que já tivesse filhos grandes. Respirava aquela graça descuidosa e a modo de

espreguiçada das crioulas, com um ligeiro sotaque de onde vinham ares infantis e mimosos, com que muito cativava. Num tapete ali ao pé estava um cãozinho fraldeiro, que se chamava Biondetta, como a cadelinha espanhola dos Amores do Diabo.

Uma senhora de anos avançados alta e majestosa, marquesa de Santa Cruz, viúva de um grande fidalgo de Espanha, pertencia à família onde tinha muita influência, por motivo de fraternizar em convicções com Cazotte. Havia muitos anos que a marquesa fora iniciada por Saint-Martin; afora isto o iluminismo também a ligava a Cazotte com vínculos intelectuais que a doutrina considerava um modo de antecipação da vida futura.

Este segundo casamento místico, ressalvado de suspeitas pela idade dos contraentes, era para Mad. Cazotte objeto de menos tristeza do que sobressalto no ponto de vista de uma razão toda humana que não compartilha da febre daqueles nobres espíritos. Ao invés, os três filhos aquinhoavam sinceramente das idéias do pai e da velha amiga.

Pelo que é desta matéria, já nos explicamos, todavia, será bom aceitar sempre as lições do bom siso vulgar que indo pela vida afora sem inquietar-se com os sombrios mistérios do futuro e da morte? O mais próspero destino dependerá da imprevidência que se espanta e desfalece quando estala o acontecimento funesto, e só tem prantos e gritos a contrapor ao gládio formidável da desgraça?

Era Mad. Cazotte quem aí devia padecer mais; quanto aos outros, a vida era um mero combate de resultados incertos, mas de infalível recompensa.

Não é inútil, para inteirar a análise das teorias que daremos logo nos fragmentos epistolares, base do processo de Cazotte, extrair algumas opiniões do iluminado, referidas por Ana-Marie.

Dizia ele: “- Todos vivemos entre os espíritos de nossos pais; atua-nos de todos os lados o mundo invisível... Há aí constantemente amigos do nosso pensamento que se aproximam de nós. Minha filha tem seus anjos tutelares; cada um tem os seus. Cada qual de nossas idéias, boa ou má, dá movimento a algum espírito que lhe corresponda, assim como cada movimento do nosso corpo faz deslocar a coluna de ar que suportamos. Tudo está cheio, tudo é vidente no mundo, onde, depois do pecado, os véus obscurecem a natureza... E eu, iniciado sem procurar sê-lo, e por isso mesmo me lastimo, hei levantado esses véus como o vento desfaz as névoas. Vejo o bem e o mal, os bons e os maus. Algumas vezes a confusão dos seres é tamanha aos meus olhos, que já mal posso, ao primeiro aspecto, distinguir os que vivem em sua carne daqueles que a despiram das aparências grosseiras.”

“- Sim! - acrescentava ele - há almas, que tão materializadas ficaram, tão cara lhes é a forma que até para o outro mundo se voaram opacas. Essas são semelhantes aos que vivem.”

“Enfim, que mais vos direi? Quer seja enfermidade de minha vista, quer semelhança real, há aí momentos em que totalmente me iludo. Esta manhã, durante a oração, quando estávamos reunidos sob os olhos do Onipotente, a casa estava tão repleta de vivos e mortos de todas as idades e países, que eu já não podia discernir entre vida e morte. Era uma estranha desordem, e todavia um magnífico espetáculo.”

Mad. D’Argèle assistiu à partida do jovem Scévola Cazotte a servir na guarda real. Sobranceavam já os tempos calamitosos, e o pai bem sabia que o imolava aos perigos.

A Marquesa de Santa Cruz juntou-se a Cazotte para lhe dar o que eles denominavam seus poderes místicos, e depois se dirá como ele lhes deu conta de tal missão. Aquela mulher entusiasta fez na

fronte, nos lábios e no coração do moço três sinais misteriosos acompanhados de uma invocação secreta, e desta arte consagrou o futuro do que ele chamava Filho de sua inteligência.

Tão extasiado em convicções monárquicas como em misticismo, Scévola Cazotte foi um dos que na volta de Varennes vingaram proteger a vida da família real contra o furor dos republicanos. Por momentos, em meio das turbas, o Delfim foi arrebatado a seus pais e Scévola chegou a tomá-lo e levá-lo à rainha, que lhe agradeceu chorando. A seguinte carta, que ele enviou ao seu pai é posterior ao seu sucesso:

“Meu querido papá. Passou o 14 de julho. O rei entrou no palácio são e salvo. Desempenhei-me o melhor que pude da missão de que o papá me encarregou. Lá saberá talvez se ela produziu o desejado efeito. Sexta-feira ajoelhei-me à sagrada mesa; e, ao sair da Igreja, fui ao altar da pátria onde, às quatro horas, fiz sobre os quatro lados os sinais necessários para submeter todo o campo de Marte à proteção dos anjos do Senhor.”

“Alcansei a carruagem onde estava encostado quando o rei subiu. Madame Elisabeth lançou-me um olhar que transpôs ao céu todos os meus pensamentos. Protegido por um de meus camaradas, acompanhei a carruagem até dentro da linha; e o rei, então chamou-me e disse-me:

‘-Cazotte, sois vós um que encontrei em Epernay e a quem falei?’ E respondi: ‘-Sim, senhor; ao apaar da carruagem estava eu lá.’ E retirei-me quando os vi nos seus aposentos.’

“O campo de Marte estava coberto de homens. Se eu fosse digno que seus mandados e orações se executassem, muitos perversos seriam furiosamente desatados dali. Na volta, gritavam todos quando ele passava: ‘- Viva o rei!’ As guardas nacionais entravam nisto de todo o coração; e a marcha era um triunfo. Foi belo o dia; e o comendador disse que por ser o último dia em que Deus deixava o diabo, dera-lhe cor de rosa. Adeus. Ajuntem-se às suas orações para que as minhas sejam eficazes. Não descansemos. Abraço à mamã Zabeth (Elisabeth). Meus respeitos à Sra. Marquesa.”

A qualquer opinião que se pertença, comove a dedicação desta família, embora se motejem os fracos meios sobre que assentavam tão fervorosas convicções. São respeitáveis as ilusões das almas cândidas, sob qualquer forma que se mostrem; mas quem ousará taxar de pura ilusão o pensar que o mundo é governado por influências superiores e misteriosas, sobre as quais a fé do homem pode atuar?(8) A filosofia pode zombar da hipótese; mas toda a religião corre o dever de admiti-la, e todas as seitas políticas se tem armado com ela. Isto explica o separar-se Cazotte de seus antigos irmãos iluminados. É sabido quanto o espírito republicano exercitará o misticismo na revolução da Inglaterra; era idêntica a tendência dos martinistas; porém, arrastados no movimento operado pelos filósofos, dissimulariam, castamente o lado religioso de sua doutrina, que, àquele tempo, não podia contar com popularidade.

Sabem todos que os iluminados foram grande parte nas comoções revolucionárias. Seitas organizadas secretamente correspondiam-se entre França, Alemanha e Itália, e influíam mormente sobre grandes personagens mais ou menos instruídos no fim delas. Joseph II e Frederico Guilherme operaram várias vezes sob a sua inspiração. É notório que o segundo, posto à frente da liga dos soberanos, havia penetrado em França e já demorava a trinta léguas de Paris, quando os iluminados, em uma de suas sessões secretas, evocaram o espírito do grande Frederico, seu tio, que lhe vedou passar adiante. Em seqüência desta aparição (depois explicada de diferentes modos) aquele monarca desocupou subitamente o território francês, e concluiu mais tarde um tratado de paz com a república, que, seja como for, deve o salvar-se ao acordo dos iluminados franceses e alemães.(9)

A correspondência de Cazotte mostra-nos a revés a sua mágoa pela marcha seguida por seus antigos confrades, e o quadro de tentativas a sós consigo contra uma Era política em que ele cuidava entrever o reinado fatal do Anti-Cristo, do mesmo passo que os iluminados saudavam a chegada do Reparador invisível. Os demônios de uns eram para outros, divinos e vingadores espíritos. Notado isto, melhor se entendem certos trechos das cartas de Cazotte, e a singular circunstância que ao depor fez que a sentença lhe fosse lida pela própria boca de um iluminado martinista.

A correspondência de que vamos transladar breves fragmentos era dirigida, em 1791, ao seu amigo Ponteau, secretário da lista civil:

“- Se Deus não sugere homem que faça acabar tudo isto maravilhosamente, somos expostos às últimas misérias. Conhece o meu sistema: Bem e mal sobre a terra foram sempre obra de homens, a quem este globo foi abandonado por leis eternas. Pelo que, a nós imputemos o mal que fizemos. O sol dardeja incessante seus raios mais ou menos oblíquos sobre a terra: eis a imagem da Providência a nosso respeito. Às temporadas, acusamos este astro de nos faltar com o calor, quando a nossa posição, os vapores condensados ou o efeito das ventanias nos privam de gozar a contínua influência de seus raios. Ora, pois, se algum taumaturgo não nos acode, eis aí o que nos é lícito esperar.

“Desejo que lá possa perceber o meu comentário sobre a magia de Cagliostro. Pode pedir-me esclarecimentos; enviá-los-ei o menos obscuramente que se possa.”

A doutrina dos teósofos aparece na passagem sublinhada. Eis aqui outra alusiva a velhas relações com os iluminados.

“Recebo suas cartas de conhecimentos íntimos, que tive entre os meus confrades martinistas: são demagogos como Bret; pessoas de nome, bravos até não mais, dominados pelo diabo. Respeito a Bret e seu ardor no magnetismo, fiz que ele adoecesse. Os jansenistas filiados nos convulsionários estão no mesmo caso. Cabe a todos bem a frase: Fora da igreja não há salvação alguma, nem sequer a do senso comum.”

“Preveni-o já que éramos ao todo oito em França, absolutamente desconhecidos uns dos outros, a elevar, sem tréguas, como Moisés, olhos, voz e braços ao céu, pela decisão de um combate no qual os próprios elementos entram em campo. Cremos estar chegando a um sucesso figurado no Apocalipse a marcar uma grande época. Sossegue, que não é o fim do mundo: este caso vem mais adiante mil anos. É cedo ainda para dizer às montanhas: Baqueai sobre nós!; mas aguardando o melhor que pode vir, é o grito dos jacobinos; porque há aí culpados de dupla toga.”

O sistema de Cazotte acerca da necessidade da ação humana para estabelecer comunicação entre o céu e a terra é claramente dilucidado aqui. Portanto, em sua correspondência amiúde apela para a coragem de Luís XVI que lhe parece confiar demasiadamente na Providência. As suas recomendações neste propósito têm mais vislumbres do sectário protestantismo que do católico puro:

“Faz-se mister que o rei socorra a guarda municipal; que se mostre digna com firmeza: ‘- Quero e mando!’ Seguramente será obedecido, e não será tido em conta de poltrão qual os democratas o injuriam, e com isto me fazem sofrer em todas as fibras do corpo.”

“Que cavalgue e vá rapidamente com vinte e cinco guardas montadas, ao centro da fermentação; tudo se lhe há de prostrar. O mais rude da empresa, está feito, meu amigo; o rei resignou-se e deu-se às mãos do seu criador; imagine o grau de poder que lhe deu este ato, pois que Achab, podre de vícios, por se humilhar perante Deus em um só lance momentâneo, obteve vitória dos inimigos. Achab tinha coração falso e alma depravada; e o meu rei tem a mais franca alma que sai das mãos de Deus. E a augusta, a celestial Elisabeth tem na frente a égide que pende do braço da verdadeira sabedoria... Não tema nada de Lafayette: está ligado com seus cúmplices. Está, como os seus conluídos, entregue aos espíritos do terror e da confusão; não lhe ocorrerá expediente de servir, e para ele o melhor é estar em mãos de seus inimigos lá posto por uns em quem ele crê poder confiar. Não cessemos, entretanto, de erguer as mãos aos céus: Lembre-nos a postura do profeta enquanto Israel pelejava.’

“É urgente que homem assim proceda, pois é o ponto de ação que lhe compete. Bem e mal só se podem aí fazer, mediante ele. Pois que estão fechadas quase todas as igrejas, interditas ou profanadas, tornem-se oratórios as nossas casas. O momento é assaz decisivo para nós: ou Satã continuará a reinar sobre a terra como até aqui, até que se lhe anteponham homens como David a Goliath; ou o reinado de Jesus Cristo, vantajosíssimo para nós, e tão predito pelos profetas, estabelecer-se-á. Nesta crise flutuamos, e dela já devo ter-lhe falado confusamente. Podemos, minguados de fé, amor e zelo, deixar resvalar a ocasião; mas temo-la segura. Quanto ao mais, Deus nada faz sem nós, que somos os reis da terra; a nós incumbe apontar o instante proscrito por seus decretos. Não sofram os que o inimigo, inválido sem nós continue a tudo conseguir, e por nós”.

Pelo ordinário, Cazotte não se deixa iludir muito quanto ao vencimento de sua causa. Superabundam nas cartas dele alvitreiros que bom seria terem sido aceites; mas afinal o descorçoamento aniquilou-o à vista de covardias tamanhas, e a tal extremo, que entrou a duvidar de si e da sua ciência.

“Apraz-me - escrevia ele - que a minha carta última lhe desse algum contentamento. Não está iniciado! Dê-se os emboras por isso. Recorde as palavras: *Et scientia perdet eos*. Se eu estou nalgum risco, eu - a quem a divina graça resguarda de ciladas - imagine o perigo dos outros. O conhecimento das cousas ocultas é mar borrascoso donde não se avistam praias.”

Queria dizer que abandonara as práticas com que esperava submeter os espíritos funestos? É certo que ele tinha concebido vencê-los unicamente com as suas armas. Em um ponto da correspondência menciona certa profetiza Broussolle que, a imitação da famosa Catarina Theot, alcançara comunicações das potestades rebeldes em prol dos jacobinos, e presume reagir contra ela proficuamente. Na conta das sacerdotisas da propaganda, também cita a marquesa de Urfé, “a década da Médias francesas, cujo salão extravasava de empíricos e gentios que trotavam devagar atrás das ciências ocultas...” Reprova-lhe particularmente que predispuesses para o mal o ministro Duchâtelet.

É de presumir que semelhantes cartas apanhadas nas Tulheries no sangrento dia 10 de agosto, bastassem a condenar o ancião dado a inocentes quimeras místicas, bem que algumas passagens não abrissem suspeitas a conjurações menos espirituais. Fouquier-Tinville, no libelo, marca certas palavras das cartas como indicativas da inteligência na conjuração chamada dos Cavaleiros do Punhal, malograda nos dias 10 e 12 de agosto; outra carta ainda mais explícita indica o modo de dar evasiva ao rei, preso na volta de Varennes, e traçava o itinerário da fuga. Cazotte oferecia como asilo de passagem a sua própria casa:

“O rei avançara até a explanada de Ay Daqui a Givet medeiam vinte léguas, e quarenta a Metz. Pode alojar-se em Ay, onde há trinta casas para as suas guardas e trens. Eu antes quisera que ele

preferisse Pierry, onde acharia, também, vinte a trinta casas, em uma das quais há vinte camas, e espaço, em minha casa, para aquartelar duzentos homens, estrebarias para trinta a quarenta cavalos, e espaço para armar um pequeno arraial adentro dos muros. Mas é preciso que alguém mais hábil e desinteressado calcule as vantagens das duas posições.’

“É urgente que o espírito partidário impeça a apreciação da honrada solicitude de um homem octogenário que se julga pouco desinteressado oferecendo ao rei proscrito o sangue de sua família, e o seu jardim para campo de batalha! Tais conspirações não deviam ser atribuídas a espírito extenuado pelos anos?” A carta que ele enviou a seu sogro, M. Roignan, secretário do conselho da Martinica, convidando-o a organizar resistência contra seis mil republicanos enviados a apossar-se da Colônia, é como a reminiscência do gentil entusiasmo com que, em rapaz, defendera a ilha atacada por ingleses. Indica os expedientes, ou linhas de fortificações, os recursos que lhe aconselhava a sua velha experiência náutica. É bem de perceber que tal documento fosse considerado altamente criminoso pelo governo revolucionário; mas é para lastimar que não dessem peso a um escrito, datado da mesma época, e bom para mostrar que - tanto montavam as quimeras como os sonhos do infeliz ancião.”(10)

O dia 10 de agosto apagou as ilusões dos monárquicos. O povo entrou as Tuilleries, assassinando os suíços e grande número de nobres, dedicados ao rei. Entre estes, pelejava um filho de Cazotte, o outro militava no exército emigrado.

Faiscavam-se a todos os cantos provas da conjuração realista, chamada dos Cavaleiros do Punhal. Nos papéis apreendidos Laporte, encontrou-se a correspondência de Cazotte com o seu amigo Pointeau. Sem sentença, foi acusado e preso na sua casa de Pierry.

Interrogou-o o comissário da Assembléia Legislativa:

- Reconhece estas cartas?
- São minhas.
- Escrevi-as eu, ditadas por meu pai - disse Elisabeth, ansiosa por ter parte nos perigos e no cárcere.

Foi presa com o pai; e logo conduzidos a Paris, na carruagem de Cazotte, foram encerrados na Abbadye, aí por fim de agosto. Mad. Cazotte implorou debalde que a deixassem acompanhar o marido e a filha.

Os infelizes, aterrorizados nessa prisão, gozavam alguma liberdade interior. Era-lhes concedido reunir-se a certas horas, e por vezes a velha capela, onde os presos se ajuntavam, oferecia o espetáculo das brilhantes reuniões da sociedade. E, porventura, iludiram-se também os presos, disparou na imprudência de discursarem, cantarem, andarem por janelas, de teor que já os rumores da gentilha acusavam os presos de se alegrarem com as vitórias do exército do duque de Brunswick, e esperarem dele o resgate. E, lastimando as delongas do tribunal extraordinário, criado à força pela Assembléia Legislativa, a impulsos minazes da comuna, já o povo acreditava em conspirações forjadas nos cárceres para arrombar as portas, quando os estrangeiros se avizinhassem e, dispersos na cidade, fizessem a Saint-Barthélemy dos republicanos.

A notícia da tomada de Longwy, e a prematura atoarda do assalto de Verdun acabaram de exasperar a multidão. Proclamado o perigo da pátria, reuniram-se as sessões de campo de Marte. E, entretanto, bandos furiosos acercavam-se dos cárceres, e estabeleciam nas portadas exteriores tribunais de sangue, destinados a suprirem o outro.

Na Abbadye, os presos estavam conglobados na capela, entregues às suas práticas ordinárias, quando os gritos dos chaveiros: “- Subam as mulheres.” esturgiram inesperadamente. Três tiros de peça e o rufar de caixa aumentaram o pavor. Dois padres de entre os presos que ficaram, subiram ao púlpito da capela e anunciaram a sorte que os aguardava.

Fez-se silêncio fúnebre naquela assembléia espavorida.

Dez populares, precedidos dos guardas, entraram à capela, mandaram enfileirar os presos ao longo da parede, e contaram cinquenta e três.

Depois, de quarto em quarto de hora, era chamado um. Não gastava mais tempo nos seus juízos o tribunal arvorado no pátio da cadeia.

Alguns foram absolvidos, e entre estes o venerando Abade Sicard. O maior número, porém, era acutilado à saída da porta pelos facinoras fanáticos, revestidos desta horrenda missão.

À meia-noite, foi chamado Jaques Cazotte.

Apresentou-se serenamente o ancião perante o sanguinário tribunal constituído em uma saleta contígua à prisão. Presidia o terrível Maillard. Neste instante alguns demagogos exigiram que se apresentassem também as mulheres, e com efeito vieram, uma por uma, à capela; porém, os membros do tribunal rejeitaram aquele hediondo voto, por maneira que Maillard, ordenando ao carcereiro Lavaquerie que as tirasse de lá, folheou o assento das entradas do cárcere e chamou Cazotte a grandes brados. A este nome a filha do preso, que já ia saindo com as outras precipitou-se ao fundo da escada, e atravessou a multidão no momento em que Maillard proferia a palavra tremenda: *A la Force*, que queria dizer: Morte.

Abriu-se a porta exterior; o pátio cercado de longos claustros, onde os carneiros iam matando, estava a transbordar de povo cuja vozeria se misturava aos gritos dos agonizantes. A intrépida Elisabeth lançou-se entre os dois matadores que já lhe tinham o pai nas garras, e se chamavam Michel e Sauvage, e pediu-lhes, e também pediu às turbas, o perdão de seu pai.

Este inopinado aparecimento, as penetrantes vozes, a idade do condenado, cujo crime não se definia nem facilmente provara, o quadro sublime daquelas duas majestosas figuras, o impressivo quadro de heroísmo filial, moveram os instintos generosos da multidão. Conclamavam brados de perdão de todos os lados. Maillard hesitava. Michel encheu um copo de vinho e deu-o a Elisabeth: “- Escuta, cidadã! para provares ao cidadão Maillard que não és aristocrata, bebe à saúde da nação e à vitória da república!”

E a corajosa menina bebeu sem vacilar. Os marselheses abriram ala e a turba aplaudindo afastou-se para deixar passar pai e filha. E levaram-nos à casa.

No dia seguinte àquele em que fora conduzido em triunfo pelo povo, muitos amigos o felicitaram. Um desses, M. de Saint-Charles, disse-lhe: “-Hei-te salvo!” . “- Por pouco tempo - respondeu Cazotte, sorrindo amargamente - Momentos antes da tua chegada tive uma visão, e vi um “gendarme” que me procurava da parte de Pétion. Fui obrigado a segui-lo. Apareci na presença do “maire” de Paris que me mandou para a Conciergerie, e daqui para o tribunal revolucionário. É chegada a minha hora.”

Saint-Charles deixou-o, supondo que a razão de Cazotte se perturbara com os terríveis transe que sofrera. Um advogado, chamado Julien, ofereceu a Cazotte o asilo de sua casa e meios com que escapar-se às pesquisas; mas o ancião resolvera não lutar contra o destino. Aos onze de setembro, viu entrar-lhe na residência o homem da visão, com ordem assinada por Pétion, Paris e Sergent. Levaram-no à “maire” e de lá à Concierge, onde os seus amigos não conseguiram entrar. Elisabeth, à força de instâncias, obteve licença de servir seu pai, e lá ficou na prisão até o derradeiro dia. Porém, seus esforços para comover os juizes, não puderam tanto como a plebe. Cazotte, sobre requisição de Fouquier-Tinville, foi, depois de vinte e sete horas de interrogatório, condenado à morte. Antes de proferida a sentença, foi transferida para o segredo a filha, cujos esforços e influência no auditório receavam. A defesa do cidadão Julien em vão se fez sentir quanto era sagrada aquela vítima ilesa da justiça do povo: o tribunal parecia obedecer a convicções inflexíveis.

A mais estranha circunstância deste processo foi o discurso do Presidente Lavau, antigo membro, como Cazotte, da Sociedade dos Iluminados. “Fragil ludíbrio da velhice! - exclamou ele - tu, cujo coração era estreito para abranger o gozo de uma liberdade santa; mas que provaste, com a tua firmeza no interrogatório, que sabias sacrificar a própria vida ao esteio da tua opinião, escuta as derradeiras palavras dos teus juizes! Possam elas verter em tua alma o bálsamo precioso da consolação! Possam eles, movendo-te a prantear a sorte do que te condenam inspirar-te o estoicismo que deve assistir-te nos instantes supremos e compenetrar-te do respeito a que a lei nos força! Os teus ouviram-te, esses te condenaram; mas o seu juízo foi muito puro como sua consciência; nenhum interesse pessoal lhes conturbou a decisão. Vai! Reanima-te! Encara sem pavor a morte! Reúne tuas forças; convence-te que não tens direito a estremecer; um homem como tu não deve aterrar-se com a dor de um momento. Mas, antes de te desatares da vida, encara na atitude majestosa da França, ao seio da qual não receavas chamar a gritos o inimigo vê a tua velha pátria opor aos ataques de seus vis detratores tanta coragem quanta covardia tu lhe assacas. Se a lei previsse que tinha de legislar contra um criminoso de tua natureza, em respeito à tua proveta idade, nenhuma pena te imporia; mas sossega ; se ela é severa quando investiga, logo que condena, cai-lhe das mãos o gládio e geme sobre a perdição daqueles mesmos que quiseram dilacerá-la. Olha como ela chora sobre esses cabelos brancos que respeitou até o momento de te condenar; que esse espetáculo te insinue arrependimento; que te mova, desgraçado velho, a aproveitar o momento que te separa da morte, para delir os últimos vestígios de tuas conspirações, com um pesar bem íntimo. Mais uma palavra: Foste homem, cristão, filósofo, iniciado, sabe morrer como homem e como cristão. É tudo quanto teu país ainda pode esperar de ti!”

Este discurso, cuja substância insólita e misteriosa espantou a assembléia, não impressionou levemente Cazotte, que, no lance em que o presidente recorria à persuasão, ergueu os olhos ao céu, e fez um gesto de inabalável fé em suas convicções. Disse depois aos que o rodeavam que merecia a morte; que a lei era severa; mas justa. (11)

Quando lhe tosquiaram a cabeça, recomendou que não se demorassem muito e encarregou o confessor de entregar os cabelos à filha, ainda presa em um dos segredos do cárcere. Antes de ir ao suplício, escreveu algumas palavras à esposa e filhos; depois, subindo ao patíbulo, exclamou em voz alta: - “Morro como vivi: fiel a Deus e ao meu rei.” Foi executado em 21 de setembro, às 7 horas da noite, na praça do Carroussel.

Elisabeth Cazotte, esposa prometida ao cavaleiro de Plas, Oficial do regimento de Poitou, esposou, oito anos depois, esse mancebo, que seguiu a sorte dos emigrados. O destino desta heroína foi depois desgraçado como tinha sido. Morreu de parto, dando a luz um menino, e gritando que a cortassem em pedaços, se isso era preciso para salvar o filho. A criança sobreviveu momentos. Existem ainda muitas pessoas da família Cazotte. Seu filho Scévole, salvo milagrosamente do

morticínio de 10 de agosto, está em Paris e conserva piedosamente a tradição das crenças e virtudes do pai.

GERARD DE NERVAL

AMORES DO DIABO

I

Eu era Capitão das Guardas do Rei de Nápoles, aos vinte e cinco anos. O nosso viver de rapazes era mulhério e jogatina, enquanto havia dinheiro; e, quando ele se acabava, filosofávamos no quartel, à mingua de melhor ocupação.

Uma noite, exauridos os raciocínios de variadas castas a volta de uma garrafa de vinho de Chipre e castanhas piladas, a palestra descaiu para a cabala e cabalistas.

Havia um que tinha como ciência verdadeira a cabala, com as suas operações exatas; enquanto quatro dos mais novos argumentavam que tal cousa era um acervo de absurdidades, um manancial de embustices, próprias a lograr pessoas crédulas e entreter crianças.

O mais idoso de todos, flamengo de nação, fumava o seu cachimbo distraidamente, e não dizia nada. Aquele ar frio e indiferente impressionaram-me em meio da estrondosa altercação que me atordoava e impedia de ser parte em disputa desordenada demais para que me interessasse.

Estávamos então no quarto do camarada que fumava. Alta noite, apartamo-nos, ficando sozinhos, naquele quarto, o fumista silencioso e eu.

E ele continuou a cachimbar fleumaticamente; e eu em frente dele, com os cotovelos sobre a banca, sem dizer nada. Por fim, disse ele:

- Por que não entraste nessa ruidosa disputa que aí se fez?

- É porque eu prefiro calar-me a falar no que não percebo. Eu nem sequer sei o que vem a ser a palavra cabala!

- Tem muitas significações - respondeu ele - mas não é delas que se trata, é da coisa em si. Crês que possa haver ciência que ensine a transformar metais e a submeter os espíritos à nossa vontade?

- Eu de espíritos, sei que os há, começando pelo meu. Quanto a metais, sei quanto vale um carlin no jogo, na estalagem e no mais, mas não posso afirmar, nem negar a essência dos metais, nem as modificações e impressões que lhes são próprias.

- Meu rapaz, apraz-me a tua ignorância, que vale tanto, como a sapiência dos outros. Tu, ao menos, não erras; e, se és ignorante, tens capacidade para ser instruído. Agradam-me o teu natural, a sinceridade do teu caráter e retidão de espírito. Sei alguma coisa mais que o vulgar dos homens. Jura-me tu o mais inviolável segredo sobre a tua palavra de honra; promete-me ser prudente, e serás meu discípulo.

- O exórdio que fazes é me agradabilíssimo. A minha mais forte paixão é a curiosidade. Confesso-te que sou pouco amartelado do saber o que por aí se sabe ordinariamente; tudo isso se me figura limitadíssimo. Mas agora como que estou adivinhando as altas regiões a que tu me queres exaltar. Qual é porém, a primeira chave da ciência de que me falas? Segundo ouvi aos nossos camaradas, são propriamente aos espíritos que nos ensinam? Há meios de nos identificarmos com eles?

- É isso mesmo, Álvaro; por si mesmo é que não há aí aprender coisa nenhuma; quanto à possibilidade de identificação vou dar-te uma prova irrecusável.

Ao dizer estas palavras acabou de fumar, despejou a cinza batendo três pancadas com o cachimbo emborcado sobre a mesa, perto de mim, e exclamou: “Caldeirão, vem buscar o meu cachimbo, acende-o, e traz-mo”.

Proferida a ordem, o cachimbo sumiu-se; e, ainda antes de refletir no modo como, nem perguntar que era aquele Caldeirão encarregado de tais ordens o cachimbo voltou aceso, e o meu interlocutor estava de novo fumando.

E continuou, não tanto para deliciar-se nas aspirações da nicotina, como para saborear o espanto em que me via. Por fim, ergueu-se e disse: “Assim que for dia, hei de estar de guarda: preciso repousar. Vai tu dormir; sê discreto, e falaremos depois”.

Retirei-me inquieto e faminto das idéias novas com que eu esperava saciar a minha curiosidade favorecida por Soberano - que assim se chamava o meu camarada. Vi-o no dia seguinte, e nos outros todos; segui-o com a sua sombra; nenhuma outra paixão me avassalava. Fiz-lhe centenas de perguntas; umas deslizava-as arteiramente; a outras respondia com ares sibilinos. Afinal, apertei com ele sobre o artigo da religião seguida pelos seu sectários. “É a religião natural.” Respondeu.

Entramos em particularidades. Os seus dogmas quadravam melhor às minhas propensões que aos meus princípios; mas para chegar ao meu intento, era prudente não o contradizer.

- Tu exerces império sobre os espíritos - lhe disse eu - também eu quero estar em inteligência com eles. Desejo-o ardentissimamente.

- És ardente demais, camarada! Ainda não cumpriste o tempo de prova; não satisfizesse alguma das condições que permitem sem receio atingir esta sublime categoria...

- É preciso muito tempo?

- Dois anos talvez.
- Então, desisto. Daqui até lá morrerei eu de impaciência! És cruel, Soberano! Não imaginas a vivacidade de desejo que alvoreçaste em mim... é uma labareda...
- Cuidei que eras mais circunspecto, homem! Tremo por ti e por mim... Pois que? Queres expor-te a evocar espíritos sem alguma das iniciações...
- Que pode acontecer-me?
- Não digo que absolutamente te aconteça mal; se eles tem sobre nós poder, é a nossa covardia que lhe dá; que o dominá-los é prerrogativa nossa...
- Ah!... eu os dominarei!
- Sim... que tens um ânimo rijo; mas se desvairas, se eles vingam aterrar-te...
- Se a condição é não os temer, eu os provocarei a amedrontar-me....
- Olé!... e se visses o Diabo?
- Eu cortaria as orelhas ao próprio diabo maior do inferno!
- Bravo! Se contas assim contigo, podes arriscar-te, e te prometo a minha assistência na próxima sexta-feira. Jantarás com dois dos nossos, e levaremos a aventura a cabo.



Estávamos na terça-feira. Nunca entrevistas de galã foi almejada com tamanha impaciência. Chegou enfim a hora. Achei em casa de meu camarada dois sujeitos de catadura sombria. Jantamos. A conversação versou sobre coisas vulgares.

Depois de jantar, deliberou-se um passeio a pé às ruínas de Portici. Metemo-nos ao caminho, e chegamos. Aquelas relíquias monumentais derruídas, truncadas, esparsas, cobertas de silvedos, influíram no meu ânimo sensações extraordinárias. “Eis aqui - dizia eu - a ação do tempo sobre a obra da soberba e indústria dos homens”. Embrenhamo-nos nas ruínas, e chegamos enfim, quase às apalpadelas, através desses destroços, a um recesso tão enoitecido, que nenhuma luz exterior lá penetrava.

O meu camarada conduziu-me pelo braço. Depois, paramos. Um dos três feriu lume e acendeu uma vela. A estância alumiu-se frouxamente, e descobri que estávamos debaixo de uma abóbada bem conservada, de vinte e cinco pés quadrados pouco mais ou menos, com quatro saídas.

Estávamos profundamente silenciosos.

O meu camarada, com uma bengala a que se encostara no caminho, traçou um círculo à volta de si sobre a areia movediça que cobria o terreno, e depois de escrever alguns caracteres, disse-me: “- Meu valente, entra neste pantáculo e não saias sem bons indícios”.

- Explica-te melhor. Quais indícios me hão de guiar?

- Quando tudo te obedecer; mas, antes disso se o terror te desatremar, corres imensos perigos.

Deu-me, em seguimento, uma fórmula de evocação curta, com algumas palavras que eu não esquecerei jamais.

E ajuntou:

- Recita este esconjuro com firmeza e invoca três vezes claramente Belzebuth, e sobretudo não esqueças o que prometeste.

Recordei-me, então, que prometera cortar-lhe as orelhas.

- Não faltarei ao prometido - insisti, não querendo se desmentido.

- Desejamo-te o melhor êxito - voltou ele, e acrescento: - Quando tiveres concluído, avisa-nos. Estás em frente da porta por onde hás de ir ter conosco.

E retiraram-se.

Ainda não houve valentão que se topasse em crise mais apertada! Estive a ponto de os chamar; mas seria enorme vergonha, além de ir nisso a renunciação de todas as esperanças. Retive-me sobre o posto, e meditei alguns minutos.

- Quiseram aterrar-me... - dizia eu entre mim - querem ver se eu sou covarde. Estes homens, que me experimentam, estão perto; e logo que eu faça a invocação, é de se esperar que eles façam o que quer que seja para me assustar. Coragem. Volte-se a zombaria contra os chacoteadores de mau gosto!

Esta deliberação foi rápida, posto que algum tanto perturbado pelo ramalhar dos mochos e corujas que habitavam os arredores e até o interior da caverna.

Algun tempo sossegado por aquelas reflexões, aprumei-me, impetiquei-me, firmei o pé, e proferi o esconjuro com voz alta, clara e rija, engrossando-a cavamente quando com três brados, a intervalos curtos, chamei Belzebuth.

Corria-me às veias um calafrio, ao passo que os cabelos se me eriçavam.

Mal acabei a evocação, abre-se de par em par uma janela em frente de mim, no alto da abóbada. Um golfo de lumeeira mais esplendente que do sol jorra por aquela abertura; uma cabeça de camelo, horrenda no tamanho e no feitio, surge na janela; as orelhas principalmente eram descompassadas! O fantasma hediondo escancara as fauces, e com um ronco próprio de tal monstro, responde-me!

- Che vuoi? (12)

As abóbadas e subterrâneos em volta ecoaram a porfia o horribilíssimo *che vuoi*.

Não sei descrever o meu estado; nem sei como a minha coragem se teve, que eu não caísse fulminado pelo espetáculo e ainda mais pelo estridor que me ribombava nos ouvidos.

Senti precisão de me valer de todo o meu brio e forças, quebrantadas por um suor glacial. Esforcei-me, quanto era possível.

Faz-se mister que nossa alma seja dotada de enorme vigor e urgentes recursos! Que multidão de sentimentos, idéias e reflexões me sobressaltam espírito e coração, impressionando-as todas simultaneamente!

Vem a reação; consigo sopesar o meu terror, e fito rosto a rosto o espectro.

- Que queres tu de mim, disfarçado com esse medonho aspecto?

O fantasma titubeou por uns momentos.

- Chamaste-me... - respondeu ele com a voz mais alquebrada.

- O escravo pretende aterrar o senhor? Se vens receber minhas ordens, apresenta-se convenientemente e em tom de servo.

- Senhor! - voltou o espectro - em que forma quer que eu me apresente para lhe dar gosto?

Como a primeira idéia que me ocorreu foi um cão, respondi-lhe:

- Vem na forma de cão espanhol.

Proferida esta ordem o espantoso camelo alongou os dezesseis palmos de pescoço, abaixou a cabeça até o meio do pavimento, e vomitou um cão branco de felpa sedoso e brilhante, e orelhas que rojavam pelo solo.

Fechou-se a janela, evolou-se a visão, e só eu e o cãozinho ficamos debaixo da abóbada bastante alumiada.

O cão andava à volta do círculo, sacudindo a cauda e dando pichos.

- Senhor - disse ele - eu queria lambe-te as pontas dos pés; mas o terrível círculo, que nos separa, impede-me.

Como a minha confiança orçasse já pelo atrevimento, sai do círculo, estendi o pé e o cão lambeu-o; fiz um gesto de quem lhe queria arrancar as orelhas, e o cão voltou-se de pernas ao ar com modos suplicantes. Descobri, então, que era uma femeazinha.

- Levanta-te! - bradei-lhe - perdôo-te. Bem sabes que vim acompanhado. Algumas pessoas nos esperam perto daqui. O passeio fatigou-as: quero dar-lhes um repasto. Querem-se frutas, conservas, gelados, vinhos gregos. Entende-me bem. A sala iluminada e decorada sem pompas, mas com asseio. Findo o repasto, entrarás com artista de primeira plana, com a tua harpa. Dar-te-ei um sinal quando houveres de entrar. Olha lá como te desempenhas. Dá-me expressão ao canto, e ao mesmo tempo decência e comedimento nas tuas atitudes.

- Obedecerei, senhor, mas com qual condição?

- Com a condição de obedecer como escravo. Obedecer sem réplica, aliás...

- Tu não me conheces senhor; se não de outro modo te haverias comigo... Condição te poria eu uma que te desarmasse e comprizesse.

Mal o cão concluíra o seu dito, que, a meia volta que fiz, vi minhas ordens executarem-se mais de pronto do que se transforma um cenário na ópera. Os muros da abóbada, dantes negros, úmidos, musgosos, vestiram-se de cores suavíssimas e agradáveis decorações: era um salão de mármore jaspeado. A arquitetura mostrava um cimbrião assentado sobre colunas. Oito serpentinas de cristal contendo cada uma três velas, iluminavam por todo o âmbito com igual clarão a improvisada sala.



Instantes depois, mesa e aparador ressaltam cheios de todas as espécies de víveres dos mais cobiçados: frutos e confeitos de mais rara qualidade, do melhor paladar e mais regalada aparência. A porcelana do serviço e do aparador era legítimo Japão. A cadelinha saracoteava-se na sala, gaifonando em redor de mim, como a dar valor ao serviço e a perguntar-me se eu estava contente.

- Muito bem, Biondetta! - disse-lhe eu - veste uma libré, e vai dizer aos senhores que aí estão fora que eu os espero, e que está posta a mesa.

Mal desviei os olhos um momento que para logo entrou em pagem com a minha libré, guapamente vestido, com um castiçal aceso; logo depois voltou conduzindo o meu camarada flamengo e os seus dois amigos.

Predispostos para o que quer que fosse extraordinário à vista da chegada e cumprimento do pagem, certo não previam a mudança feita no local onde me deixaram. Se o meu ânimo não estivesse tão preocupado, muito me divertiria com o espanto deles, que prorromperam num brado, com as fisionomias e posturas conturbadas.

- Meus senhores - lhes disse eu, então - por minha causa fizestes grande caminhada; e para voltarmos à Nápoles temos que palmilhar muito. Entendi pois que este ligeiro repasto vos não desprazeria, e me desculparíeis da pouca escolha e deficiência, atendendo à prontidão.

A minha placidez assombrou-os mais ainda que a mutação da cena e o espetáculo da elegante merenda para a qual eram convidados. Dei tanto disso, e resolvi acabar depressa uma aventura de que eu interiormente nutria ruins suspeitas. Forcejando, pois, em trazer à baila toda a alegria congenial do meu gênio, aproveitei todo o cômico possível à situação.

Insteei-os a sentarem-se, enquanto o pagem chegava as cadeiras com maravilhosa presteza. Estávamos abancados, enchi os copos, servi os frutos, comi e falei, enquanto os outros só tinham boca para se abrir de espanto. Não obstante, muito rogados por mim, resolveram comer. Fiz um brinde à mais formosa loureira da Nápoles: bebeu-se. Falei da ópera nova, da improvisada romana chegada recentemente, e cujo talento andava muito soado na corte. Voltei a discutir as artes belas, música, escultura, e por vir a talho dei-lhes como modelos alguns mármores que adornavam a sala. Garrafa vazia era logo substituída por outra mais generosa. O pagem multiplicava-se, e o serviço não esmorecia um instante. Relanceei-lhe a vista a furto. Imaginem o Amor trajado de pagem. Os meus companheiros lobrigavam-no com uns ares indicativos de surpresa, prazer e sobressalto. Molestava-me já a monotonia de tal situação: achei que era tempo de quebrá-la.

- Biondetto - disse eu ao pagem - a signora Florentina prometeu-me conceder-me alguns momentos: vê lá se ela já viria.

Biondetto saiu.

Era ainda escasso o tempo para os meus hóspedes se maravilharem da extravagância da mensagem, quando a porta do salão se abriu e Fiorentina entrou com a sua harpa. Vinha trajada com um certo desatavio modesto, chapéu de viagem, e um filó transparente no rosto. Pousou a harpa junto de si, cortejou graciosamente, e disse:

- Sr D. Álvaro, eu não fui prevenida de estar acompanhado; aliás viria vestida com menos desalinho: estes cavalheiros queiram desculpar uma viajante...

Sentou-se. Oferecemo-lhe à competência os restos do nosso banquetezinho, que ela aceitou por condescendência.

- Como é possível, senhora, que passando em Nápoles a não retivessem lá? Perguntei.

- Sou obrigada por escritura a ir a Veneza, onde fui muito cordialmente acolhida no carnaval passado. Forçaram-me a prometer que voltaria, e já aceitei dinheiro por conta; sem isso não me esquivaria às vantagens que me propôs a corte, e à esperança de granjear os sufrágios da fidalguia napolitana, que em gosto se avantajava a toda a Itália.

Os dois napolitanos inclinaram-se respondendo ao elogio, tão convictos da realidade da cena que esfregavam os olhos. Pedi à cantora que nos deixasse entrever um relanço de seu gênio. Estava ela um tanto constipada e fatigada; recebeu, com razão desmerecer em nosso conceito. Por fim, determinou executar um recital obrigado e uma ariazinha sentimental que fechava o 3º ato da ópera em que ela havia de estreiar-se.

Pegou da harpa, preludiou com a mão pequena, comprida, branca e ao mesmo tempo purpurina da carne lisa que a vestia, com uns dedos que insensivelmente iam afinando nas extremidades, de onde saíam umas unhas de inconcebível graça. Estávamos todos arroubados, e crentes de que assistíamos ao concerto mais aprazível.

Cantou. Tanta voz, tamanha alma e tanta expressão não tem ninguém. Ninguém dizia tanto com tão mínimo esforço. Todo e era uma vibração até o íntimo do seio, e já me nem lembrava que era eu o criador dos amavios que me arrebatavam.

A cantarina endereçava-me expressões maviosas do seu recitativo e canto. As flechas dos seus olhos coavam-se pelo véu. Eram de uma doçura e penetração incompreensíveis: aqueles olhos não me eram desconhecidos. Afinal, combinando os traços que entreluziam através do véu, reconheci em Fiorentina o velhaca de Biondetto; porém, a elegância e donaire das formas sobressaíam mais louçãs e gentis ao trajar mulheril que na libré de pagem.

Concluído o cântico, elogiamos devidamente a artista. Empenhei-me para que nos cantasse uma ária alegre que nos ocasionasse admirar-lhe a variedade do talento.

- Não - recusou ela - conforme a disposição em que estou, sair-me-ia mal; demais disso, os cavalheiros decerto notaram o esforço que fiz para lhes obedecer. A minha voz ressentia-se da viagem; falta-lhe timbre. Já sabem que parto esta noite. Vou num carro alugado, e estou às ordens do boleeiro; peço-lhes pois que me desculpem, e concedam que me retire.

Dito isto, ergueu-se, e quis transportar a harpa. Tirei-lha das mãos; e, depois de ir acompanhá-la até a porta por onde entrara, tornei para os companheiros.

Parece que eu deveria ter motivado alegria; pelo contrário, notei tristeza em todos os semblantes. Apelei por o vinho de Chipre, que o havia delicioso, e me dera forças e afoiteza de coração.

Redobrei a dose. E, como a noite fosse alta, disse ao meu pagem, já repostado no seu lugar atrás de minha cadeira, que chamasse minha carruagem. Biondetto saiu logo a cumprir as minhas ordens.

- Tens aqui trem ?! - perguntou Soberano.

- Tenho: ordenei que me seguisse, prevendo que, depois de longa demora, lhes seria mais cômodo não ir a pé. Bebamos mais um copo, visto que não há perigo de escorregarmos na estrada.

Apenas eu disse isto, entrou o pagem com dois cocheiros vestidos com a minha libré.

- Sr D. Álvaro - disse Biondetto - não pude fazer chegar a sua sege: ela está ali fora dos entulhos que atravancam o acesso a este lugar.

Erguemo-nos. Seguiram-nos o pagem e os criados. A caminho!

Como não podíamos ir todos ao par por entre os fustes das colunas desabadas, Soberano que ia ao meu lado, apertou-me a mão, dizendo:

- Amigo, deste-me esse ótimo regalo, mas há de sair-te caro.

E eu repliquei:

- Meu amigo, se isto te deu prazer, sou muito feliz; dei-to pelo preço que o tenho.

- Chegando à carruagem; encontramos mais dois sotas, um trintanário, um postilhão, uma sege de viagem, tudo às minhas ordens, com quantos confortos cabiam no desejo. Fiz a honras de confidente, e fomos velozmente a caminho de Nápoles

IV

Nada se disse por algum tempo, até que um dos amigos de Soberano, falou assim:

- Não lhe peço o seu segredo, Sr D. Álvaro; mas é forçoso que as suas convenções praticadas sejam singulares! Ainda ninguém assim foi obedecido. E eu, de mim, trabalhando há quarenta anos, ainda não pude lograr a quarta parte das complacências que se deram com o senhor em uma só noite! Já não falo da mais celestial visão que se pode imaginar: disso provém aflição para os olhos que se iludem com esperadas delícias. Enfim, o senhor lá sabe... É rapaz... Na sua idade, são tão acelerados os desejos que não dão passagem à razão... o que se quer é levar de assalto os deleites.

Bernardillo, assim se chamava o sujeito, escutava-se quando falava, e por isso me deu tempo de pensar a resposta.

- Não sei - redargüi - com que direitos pude obter favores distintos. Agouro que serão curtos, e todo o prazer que me restará é havê-los aquinhoado com bons amigos.

Notaram que eu era pouco expansivo, e daí o esfriamento da palestra. No entanto o silêncio deu azo a refletir. Recordei-me do que fizera e vira; comparei os dizeres de Soberano e de Bernardillo; concluí que acabava de sair do pior passo a que a vã e temerária curiosidade podia expor um homem como eu. Eu não era escasso de luzes. Até aos treze anos estive sob a inspeção de D. Bernardo Maravillas, meu pai, gentil-homem sem nódoa, e de D. Mêuncia, minha mãe, a mais

respeitável e religiosa dama que houve na Estremadura. “Ó minha mãe! - dizia eu - que julgaríeis de vosso filho se o houvesse visto e o vísseis agora? Mas isto há de durar pouco... Palavra!”

Neste ínterim, a carruagem chegou a Nápoles. Fui levar à casa os amigos de Soberano. Este e eu voltamos ao quartel. O brilhantismo da minha equipagem ofuscou os sentinelas diante das quais passamos; porém, a formosura de Biondetta, que ia na almofada do carro, deu maior rebate ao espanto dos espectadores.

O pagem despediu a sege e cocheiros, pegou da lanterna que um trintanário levava, e atravessou as casernas para me conduzir aos meus aposentos. O meu escudeiro, mais pasmado que os outros, queria pedir-me novas da nova equipagem que eu ostentara.

- Basta de perguntas, Carlos - disse-lhe eu recolhendo-me ao meu quarto - podes ir, que não és cá preciso. Vai deitar-te, amanhã falaremos.

Estamos sós na mesma câmara. Biondetta fechou a porta. A minha situação era menos embaraçosa entre os sujeitos que deixara, e nos lances tumultuosos que percorrera.

Querendo por termo à aventura, recolhi-me um instante. Relanço a vista ao pagem, e vejo-lhe os olhos cravados no assoalho. Purpureia-se-lhe o rosto; denuncia nas posturas grande acanhamento e comoção. Afinal, delibero falar-lhe.

- Biondetta, serviste-me primorosamente; realçaste os serviços que me fizeste com muitíssima galanteria; mas, como entendo que já de antemão havias sido pago, creio que estão saldas as nossas contas.

- D. Álvaro é muito nobre para se julgar quite com tão pouco.

- Pois se fizeste mais do que devias, e eu te devo, dá-me a tua conta; mas não prometo pagar-te de pronto. O soldo deste mês está devorado. Devo na tavolagem, no hotel, no alfaiate...

- Isso é gracejar fora de tempo.

- Se é forçoso abster-se de gracejos, pedir-te-ei que te retires, porque é tarde, e quero dormir.

- E manda-me a tal hora e tão descortesmente embora? Eu não esperava tal indelicadeza de um fidalgo espanhol! Os seus amigos sabem que eu vim para aqui; os seus soldados e criados viram e adivinharam o meu sexo. Se eu fosse uma vil rameira, pode ser que D. Álvaro me tivesse em alguma consideração; mas esse proceder é infamante, ignominioso! Não há ai mulher que se não considerasse humilhada com tal feito!

- Então, pelos modos, apraz-te ser agora mulher para conciliar respeitos! Pois vá lá! Para te resguardar ao escândalo da saída, toma a teu cargo escapulir-te pelo buraco da fechadura da porta.

- Pois deveras? Sem saber que sou...

- Pois não sei?

- Não sabe, digo-lhe eu D. Álvaro só escuta os seus preconceitos... Mas quem sou eu, eis-me a seus pés com as lágrimas nos olhos. Suplico-lhe como quem invoca um defensor. Uma imprudência maior do que a sua, talvez perdoável, porque D. Álvaro a causou, fez-me hoje arrojá-lo a tudo para

obedecer-lhe, ser sua e segui-lo. Conjurei contra mim as mais cruas e implacáveis paixões. Proteção não tenho alguma senão a sua; asilo tenho só o da sua alcova. Fecha-me, Álvaro? Dir-se-há que um cavaleiro espanhol tratou com tal rigor e severidade alguém que lhe sacrificou uma alma sensível, um ente frágil, desvalido de todo amparo que não seja o seu? Em uma palavra, eu... uma mulher!? - Recuei tanto quanto pude para me esquivar; ela porém, abraçava-me os joelhos, e seguia-me quase a roço. Enfim, recostei-me à parede:

- Ergue-te! - bradei - Sem o pensares, forças-me por um juramento que fiz. Quando minha mãe me deu a primeira espada, fez-me jurar sobre o punho que toda a vida seria desopressor de mulheres, e a nenhuma recusaria meu braço. Quando mesmo seja o que penso que hoje é...

- Pois então, cruel, seja o que for, permita-me que eu fique no seu quarto.

- Concedo pela raridade de sucesso, e por coroar a extravagância da minha aventura. Trata de te agasalhares de modo que eu te não veja nem ouça. À primeira voz, ou movimento que me inquiete, eu engrossarei o som da minha voz para a meu turno te perguntar: Che vuoi?

Voltei-lhe as costas, e acerquei-me do leito para me despir.

- Quer que eu o ajude? - perguntou.

- Não, sou militar, e cá me sirvo.

Deitei-me.

V

Através do cortinado do meu leito, vi o suposto pagem arranjar ao canto do meu quarto uma alcatifa velha que encontrou no guarda-roupa. Amezendeu-se em cima, despiu-se completamente, envolveu-se em um capote meu que achou no espaldar de uma cadeira, apagou a luz, e a cena por então findou desta sorte; mas daí a pouco, recomeçou no meu leito onde eu não podia adormecer.

Dir-se-ia que o retrato do pagem estava suspenso no baldaquino do catre e nas quatro colunas: eu não via outra coisa. Debalde forcejei por associar àquela imagem encantadora a idéia do pavoroso fantasma que eu tinha visto: a primeira visão realçava as belezas da segunda.

Aquele melodioso cantar que eu ouvira na caverna, a toada daquela voz deleitosa, aquelas vozes que soavam como vibrações apaixonadas do coração, ressoavam ainda em minh'alma com excitações de singular estremecimento.

- Ah! Biondetta! Dizia eu comigo mesmo - Se tu não fosses um ser fantástico, se tu não fosses aquele horrendo dromedário...

Mas que ratos se apossaram de mim? Se venci o terror, atrevo-me a entrar no âmago dum mais perigoso sentimento. Que delícias me podem advir daí? Não serão elas sempre empeçonhadas de sua origem?

O fogo daquele tão penetrante olhar, tão doce, é veneno atroz. Aquela tão formosa boca, tão nacarina e fresca, e de tão inocente aparência, é uma fonte de imposturas. Aquela coração, se é que ali há coração, só traições poderiam inflamá-lo.

Enquanto eu me desvairava em pensamentos sugeridos pelos vários movimentos que me agitavam, a lua, apontando no alto do hemisfério em céu puro, dardejava seus raios no meu quarto através de três grandes janelas.

Eu me remexia freneticamente em minha cama. Eis que, em razão do leito ser usado, a madeira dá de si, e as três pranchas, que amparavam o enxergão, caem com grande estalido.

Ergue-se Biondetta, e corre para mim com ares de assustada, exclamando:

- Que desgraça lhe sucedeu, D. Álvaro?

Apesar deste incidente, eu não tirava os olhos dela. Vi-a levantar-se e correr. Vestia uma camisa de pagem; e a luz da lua tocando-lhe nas pernas parecia ter-se alindado no reflexo.

Incomodado pelo mau arranjo da minha cama, que ficara de modo a me deixar pior do que estava, pior me achei ainda apertado nos braços de Biondetta.

- Não me sucedeu mal nenhum - disse-lhe eu - retira-te. Andas em palmilhas pelo assoalho... vê lá se te constipas... Vai-te embora...

- Mas o senhor assim não está bem...

- Mal me sinto eu contigo aqui... Retira-te.... E, se queres estar deitada comigo ou à minha beira, mando-te que vás dormir naquela teia de aranha que está naquele canto.

Não quis ouvir o fim da ameaça: foi deitar-se na esteira, soluçando baixinho.

Vinha apontando a aurora, quando eu, vencido pelo cansaço, dormi algum tempo. Acordei já dia alto. É fácil supor que direção dei aos meus olhos. Procurei os do pagem. Estava já vestido, mas sem o gibão, sentado em um tamborete, desenstrando as madeixas que ondeavam até o pavimento, cobrindo-lhe com flutuantes espirais o dorso dos ombros e o rosto inteiramente.

À falta de melhor estojo de toucador, desenriçava os cabelos com os dedos. Nunca pente de mais belo marfim perpassou em mais espessa cabeleira de louro cinzenta. Aqueles fios de ouro diziam com as outras perfeições. Como eu, acordando, mexi-me brandamente no leito, ela afastou com os dedos as tranças que lhe cobriam a face. Imaginem uma aurora de primavera alvorecendo dentre as neblinas da manhã com os seus orvalhos, fresquidão e fragrâncias!

- Biondetta - disse-lhe eu - pega do pente, que está aí na gaveta dessa papeleira.

Obedeceu.

E logo, atados com uma fita, levantou os cabelos sobre a fronte com tanta elegância como destreza. Vestiu o gibão, ataviou-se completamente e sentou-se na sua cadeira com timidez, estranheza e uma certa inquietação que solicitava vivamente a piedade. Se eu tinha - dizia eu comigo - de ver hoje mil quadros, qual deles mais provocador, não esperarei por isso. Vamos ao desenlace, se é possível.

E falei-lhe assim:

- É dia há muito, Biondetta. A decência está salva; podes sair no meu quarto, sem recear a irrisão.

- Presentemente - disse ela - isso já não me assusta; o que mais me intimida são os seus interesses e os meus que não nos permitem nos separar.

- Explica-te.

- Vou explicar-me, Álvaro. A sua juventude e imprudência não o deixam ver os perigos que amontoamos à nossa volta. Quando o vi na abóbada fiquei sua cativa, escravizada pelo heróico denodo com que afrontou aquela horrída visão. E eu disse, então, a mim mesma: “Se para chegar à felicidade, hei de unir-me a um mortal, é tempo de me fazer corpo: eis aqui um herói digno de mim. Embora se revolvam os desprezíveis rivais que eu lhe sacrífico: corra eu o perigo do ódio vingativo deles, que importa? Amada de Álvaro, unida a Álvaro, eles e a natureza nos obedecerão”. O restante sabe-o D. Álvaro. As conseqüências são estas. Inveja, ciúme, despeito e raiva tecem-me os mais crus flagícios a que pode se submetido um ente da minha espécie, degradado por seu livre alvedrio, se Álvaro não me proteger. Desde que rompeu a manhã os delatores vão a caminho dos tribunais a acusá-lo de nigromante. Daqui a uma hora...

- Basta! - bradei eu cerrando os punhos contra os olhos - tu és o mais ladino e insigne dos velhacos! Falas-me de amor, afivelas a máscara do amor, filtras peçonha nessa idéia sublime... proíbo-te de me dizeres a tal respeito uma única palavra. Deixa-me ver se consigo tranquilizar-me, para deliberar o que devo fazer. Se é forçoso que eu resvale às mãos da justiça, não hesito, neste momento, entre ti e ela; suposto, porém, que tu me salvas deste lance, com que partido o fazes? Poderei apartar-me de ti quando me aprouver? Ordeno-te que me respondas em termos claros e precisos.

- Para separar-me de mim, Álvaro, bastar-lhe há de querê-lo. Eu mesma deploro que a minha submissão seja forçada. Se lá adiante, Álvaro souber o que eu lhe sou, será indiscreto e ingrato, se...

- Não quero saber de nada senão que devo partir já. Vou chamar o meu escudeiro... É preciso que ele me arranje dinheiro e transporte... Vou à Veneza falar com Bertinelli, banqueiro de minha mãe.

- Precisa dinheiro? Felizmente que eu me preveni. Aqui o tenho às sua disposição...

- Guarda-o. Se tu és mulher, eu não praticarei o vilíssimo feito de te aceitar.

- Não é dádiva, é empréstimo que lhe faço. Dê-me uma ordem sobre seu banqueiro. Faça um lista do que deve em Nápoles. Deixe na sua papeleira ordem a Carlos para pagar. Escreva ao seu comandante a desculpar-se, alegando que um negócio indispensável o obriga a ausentar-se sem licença. Eu vou buscar carruagem; mas, antes disto, Álvaro, eu, forçada a separar-me, sinto-me alanceada de terrores. Diga estas palavras: Espírito, que só por ser meu e só meu tomaste forma corpórea, aceito sua vassalagem e te concedo a minha proteção.

Prescrevendo-me esta fórmula, abraçou-me pelos joelhos, molhando-me as mãos de lágrimas.

Eu sentia-me desorientado, sem saber o que fazer. Deixei-a beijar as mãos e balbuciei as palavras que tão importantes lhe pareciam. Depois do que, levantou-se e exclamou com transporte:

- Sou tua! Agora sim! Possa atingir a suprema felicidade humana!

Instantaneamente, envolveu-se num amplo manto, carregou sobre a fronte a aba de um grande chapéu e saiu.

Fiquei estupefato.

Procurei o rol dos meus credores. Escrevi à margem a ordem de pagar e contei o dinheiro preciso. Escrevi ao comandante e a um dos meus mais íntimos amigos, cartas que eles haviam de achar disparatadas. E já o chicote do boleiro e o rodar da sege se ouviam a chegar à porta.

Biondetta, sempre rebufada no manto, chegou e levou-me. Carlos, despertado pelo ruído, apareceu em camisa.

- Vai - disse-lhe eu - à minha escrivantina que lá deixei as minhas ordens para ti. Vou para fora.

VI

Biondetta entrou na carruagem comigo, sentando-se à frente. Ao sairmos da cidade, tirou o chapéu que escondia. Os cabelos levava-os cingidos com um listão carmesim; não se lhe via senão a agulheta, feita de pérolas e coral. Se outro ornato, àquele rosto bastavam-lhe as próprias perfeições. Aquela tez parecia envolta em o que quer que fosse transparente. Mal poderia conciliar-se a esperteza que lhe coruscava nos olhos com tanta doçura, candidez e inocência! A meu pesar, estas observações iam-me dominando; e, se as tinha como nocivas ao meu repouso, fechava os olhos para não as contemplar.

Quis dormir, e consegui-o. Sonhos deliciosos vieram serenar minha alma exaltada pelas desvairadas idéias que a tinham alquebrado. Foi longo aquele dormir; e minha mãe, mais tarde, disse-me que aquele torpor era desnatural. Ao despertar, achei-me à orla do canal onde é o embarque para Veneza. A noite ia adiantada; senti que me tiravam pelo braço, eram um carrejão que queria levar-me a bagagem. E eu nem sequer levava um barrete de dormir!

Biondetta apareceu-me à outra portinhola, dizendo-me que estava pronto o barco em que devíamos partir. Desci automaticamente, entrei na falua e recai no letargo.

Na manhã seguinte achei-me na Praça de São Marcos, no mais luxuoso aposento da melhor hospedaria de Veneza. Eu já o conhecia, e reconheci logo. Boa roupa branca, e um rico “robe de chambre” à beira do meu leito. Imaginei que isto seria deferência de albergueiro que me via desprovido de tudo.

Ergui-me e observei se eu era o único ente vivo a morar naquele quarto. Procurei Biondetta.

Corrido desta fraqueza, dei graças à minha propícia fortuna. “Aquele espírito e eu não eram, portanto, coisas inseparáveis; eis-me liberto dela; e, depois do meu desatino, se eu não perder, senão, o meu posto nas guardas do rei, devo considerar-me muito venturoso”.

“Ânimo, Álvaro! - prosseguiu eu - há muitas cortes, há mais reis além do de Nápoles; isto te sirva de correção, se não és incorrigível, e, depois, andarás melhor. Se recusarem teus serviços, a mãe carinhosa, e um patrimônio modesto na Estremadura te abrem os braços”.

“Mas que me queria aquele trasgo que vinte e quatro horas me perseguiu? Que sedutora cara ele arranjou! Emprestou-me dinheiro, que eu devo pagar-lhe.”

Nisto aparece-me o credor, conduzindo-me dois criados dois gondoleiros.

- É preciso - disse ele - que se sirva com estes enquanto Carlos não vêm. Afiançaram-me a fidelidade e a inteligência destes homens, e aqui tem os mais valentes arrais da República.

- Estou satisfeito com a tua escolha, Biondetta. Pernoitaste aqui?

E o pagem com os olhos em terra respondeu:

- Eu dormi neste mesmo hotel, mas no quarto mais apartado do de vossa excelência, para lhe ser o menos incômodo que possível fosse.

Pareceu-me bem e delicadíssima a distância que ele interpusera. Quis-lhe bem por isso.

“Quando mal - disse eu comigo - deixar de andar o espírito no vago do ar, se lhe apraz exercer o seu malefício invisivelmente. Eu calcularia as distâncias, quando ele estiver em sítio onde o veja”.
Contente com estas razões, aprovei tudo.

Quis sair à procura do correspondente de minha mãe. Biondetta providenciou ao meu guarda-fato; e, assim que me aparamentei, fui onde tencionava.

O negociante acolheu-me de modo que me fez espanto. Estava à escrivaninha, e já de longe me sorria, e veio ao meu encontro.

- Dom Álvaro - disse-me - não o julgava cá. Chegou muito a ponto para evitar que eu praticasse uma inconveniência. Eu ia mandar-lhe duas cartas e dinheiro.

- A mesada?

- Sim, e mais alguma coisa. Aqui estão duzentos cequins chegada esta manhã. Um velho fidalgo a quem passei recibo nos entregou da parte de D. Mência. Como não tenho recebido notícias suas, sua mãe julgou-o enfermo, e encarregou um espanhol seu conhecido de me dar o dinheiro para lho eu transmitir.

- Disse-lhe o nome?

- Escrevi-o no recibo: é D. Miguel Pimientos, que diz ter sido escudeiro em sua casa. Como ignorava a sua estada em Veneza, não lhe perguntei onde residia.

Embolsei o dinheiro. Abri as cartas. Minha mãe lastimava-se da sua doença, do meu descuido e não me falava do dinheiro remetido. Fiquei sensibilizado com tanta bondade.

Com a bolsa tão a propósito recheada, vim alegremente para o hotel, e custou-me encontrar Biondetta no remoto quarto onde se hospedara. A entrada para este quarto era uma escadinha particular distante da minha porta. Topei-a casualmente. Espreitei-me e via-a, ao pé de uma janela, curvada a ajuntar e a grudar os destroços de um piano.

- Já tenho dinheiro! - exclamei - Aqui te trago o que me emprestasse.

Ela corou, o que sempre lhe sucedia antes de falar. Procurou o meu título de dívida, entregou-me, recebeu o dinheiro e disse-me que eu era pontualíssimo, e que ela desejaria sentir por mais tempo prazer de ter-me em obrigação.

- Mas eu ainda te devo a importância dos transportes.

Ela tinha a conta sobre a mesa; paguei-lhe.

Sai com aparente serenidade. Pedi-me que lhe desse as minhas ordens; eu não tinha ordens a dar-lhe e deixei a resposta a compor o cravo, voltando-me as costas. Observei por algum tempo. Pareceu-me muito entretida, empregando na sua tarefa tanta atividade com ciência.

Fui cismar no meu quarto.

“Eis ali a parceira do tal Caldeirão que acendia o cachimbo de Soberano, e, posto que tenha uns modos assaz distintos, não procede de melhor família. Se ela não tornar exigente e incômoda, se não tiver mais outras pretensões, que importa que eu a conserve? Além de que, ela afirma que eu posso desfazer-me da sua companhia quando quiser. Porque hei de querer já o que posso querer logo?”

Interromperam-se estas reflexões, anunciando que estava o jantar na mesa.

Sentei-me. Biondetta servia-me em grande libré. Estava atrás de mim, solícita a prevenir meus desejos. Eu não precisava voltar a cabeça para a ver. Três espelhos a um tempo lhe repetiam todos os gestos.

Findo o jantar, levantei-me e ela saiu.

Entrou o albergueiro, que eu já conhecia.

Era tempo de carnaval. A minha chegada pareceu-lhe naturalidade. Deu-me os emboras da minha equipagem, que denunciava prosperidade e elogiou grandemente o meu pagem, o mais lindo moço, o mais afeiçoado, inteligente e meigo de que ele tinha notícia. Perguntou-me se eu tencionava folgar no carnaval. Disse-lhe que sim. Visto um dominó, e embarquei na minha gôndola.

Percorri a praça, fui ao teatro e ao Ridotto. Joguei, ganhei quarenta cequins, recolhi-me tarde, extravaganciando por toda a parte onde a libertinagem me levou.

O meu pagem, com a tocha em punho, recebeu-me no pátio, entregou-me os desvelos dum escudeiro e retirou-se, pergunto-me a que horas mandava eu que se entrasse aos meus aposentos.

- Às do costume - respondi sem saber o que respondia, sem pensar que ninguém sabia os meus hábitos.

Ergui-me tarde e levantei-me lentamente. Acaso relancei a vista às cartas de minha mãe. “Digna senhora! - exclamei - Que faço aqui? Porque não vou acolher-me aos seus prudentes conselhos? Hei de ir, hei de ir; que não me resta melhor refúgio”.

Deram tanto de que eu estava acordado, porque falei alto. Alguém entrou: era ela, o abismo da minha razão. Entrou afetando desinteresse, modéstia, submissão e por tudo isso me avultou ainda mais perigosa. Anunciou-me o alfaiate com as fazendas. Feitas as compras, desapareceu até a ceia.

Comi pouco e corri ao redemoinho das folias de Veneza. Envolvi-me com os camaradas, ouvi e disse sem saborear, fui ao tetro e depois ao jogo, até então minha paixão predileta. Desta vez ganhei muito mais que a outra.

Resvalaram dez dias na mesma situação de coração e espírito, e nos mesmos desvarios. Depararam-se-me velhos e novos amigos. Fui apresentado nas assembléias mais do tom, e admitindo ao jogo das casas mais gradas.

Tudo iria às mil maravilhas se a fortuna do jogo não me desandasse. Uma noite, perdi no Ridotto mil e trezentos cequins que tinha ajuntado. Com tamanha infelicidade ninguém ainda jogou! Às três da manhã, sai, sem um ceutil, devendo cem cequins aos meus conhecidos. Todo eu denotava a grande amargura que ia na alma. Biondetta mostrou-se consternada; mas não proferiu palavra.

Ao outro dia, levantei-me tarde. Entrei a passar no quarto batendo rijo no chão os enormes passos. Serviram-me o almoço, que não pude comer. Retirado o serviço, Biondetta, ao invés do seu costume, ficou. Fitou-me alguns momentos e me disse com as lágrimas no rosto:

- D. Álvaro perdeu, e talvez não possa pagar.

- E, se assim fosse, como hei de remediar isto?

- Isso é ofender-me. Conte com os meus serviços pelo mesmo preço; mas curtos seriam eles, se tão somente se cifrassem em fazê-lo contrair comigo obrigações que lhe impõe o dever de resgatar sem delongas. Consinta que eu me sente. A comoção não me deixa estar de pé. Demais que tenho coisas importantes que lhe dizer. Quer arruinar-se? Porque joga tão destemperadamente, se não sabe jogar?

- Jogos de azar quem é que os não sabe? Quem me ensinaria regras em tal jogo?

- Alguém. Os jogos de sorte, que Dom Álvaro chama de acaso, estudam-se. No mundo não há acasos; é tudo e tudo será sempre um encadeamento de combinações necessárias, que só se percebem com a ciência dos números, cujos princípios são, a um tempo, tão abstratos e profundos, que não há fixá-los sem iniciação do mestre; mas faz-se mister que o discípulo se lhe dê, e a ele se identifique. Eu só tenho uma imagem para lhe poder pintar este sublime conhecimento. A cadeia dos números forma a harmonia do Universo, regula o que ai chamam de casos fortuitos e supostas predestinações, forçando-as a pender cada uma a seu lado, mediante uns invisíveis fiéis de balança, desde o que passa mais importante nas altas esferas, até aos miseráveis acasos que hoje o desbalizaram do seu dinheiro.

Este trecho científico em boca infantil - aquela súbita proposta de me dar um mestre - ocasionaram-me calafrio, uma transpiração glacial como a que suara debaixo da abóbada de Portici. Encarei em Biondetta, quando desceu os olhos, e disse-lhe.

- Não quero mestre! Receio aprender demais; mas vê lá se me convences de que um fidalgo pode saber mais alguma coisa no jogo, e aproveitar-se dessa ciência sem desfalque de sua honra.

Ela aceitou a tese e aqui vai o resumo de sua demonstração:

- A banca é combinada sobre a base dum lucro exorbitante que se renova a cada talho; se ela se não arriscasse, a república roubaria manifesta e seguramente os particulares. Mas os cálculos que podemos fazer são conjecturais, e a banca faz sempre bom jogo, lutando contra uma pessoa esperta por cada dez mil parvos que logra.

A convicção foi-me insinuada com mais algumas demonstrações. Uma só combinação aprendi, simplíssima ao que parecia; os princípios não lhos percebi; mas o certo é que naquela noite lhe conheci a infalibilidade no resultado. Em pouco o direi: ganhei quanto havia perdido, paguei as dívidas e restitui a Biondetta a quantia que me emprestara para tentar fortuna.

Estava menos mal de meios; mas cada vez mais ilaqueado. Renovam-se-me as suspeitas dos intentos do ente nocivo, cujos serviços eu aproveitara. Já eu não sabia ao certo se poderia apartar-me dela. Como quer que fosse mingua-me coragem para o desejar. Furtava dela os olhos, e em toda a parte a via.

O jogo já não me era dissipação distrativa. A banca tão apaixonadamente desejada, assim que perdeu o perigo, já não me era bastante estímulo. As jogralidades carnavalescas anojavam-me: os espetáculos aborreciam-me. Se eu tivesse coração livre para me aliar a alguma das mulheres da alta plana, sentir-me-ia repellido pelo langor, cerimônias e aborrecimentos das damarias e requebros do uso. Restava-me a tavolagem da alta sociedade, onde eu já não queria jogar, e a sociedade das loureiras.

Entre as mulheres desta bitola havia algumas mais distintas pela elegância de seu pompear e galhofa de sua convivência, que por agrados de suas pessoas.

Nessas casas achava eu uma liberdade de mão cheia que me dava prazer, um rir estrondoso que me aturdia, se não me agradava; enfim um incessante abuso da razão que, a intervalos, desapertava-me das angústias da minha. Eu galanteava todas as mulheres daquela estofa onde era levado, sem apontar a alguma nenhum intento; mas a mais celebrada de todas nutria a meu respeito planos que logo pôs em ação.

Chamava-se Olímpia. Tinha vinte e seis anos, extremada beleza, talento e graça. Deixou-me logo entrever que me tinha à sua conta; e eu, que não sentia nada, deixei-me levar, para mais cedo me livrar dela e de mim.

Principiamos nossas ligações desabridamente; e, como nenhum prazer me davam, cuidei que seriam outro tanto para ela. Esperava eu que Olímpia, enfasiada de minhas distrações, buscaria logo amante que melhor a incensasse, sendo certo que a mais desinteressada paixão fora base daquele enlace. Outros fados, porém destinara-nos os nossos planetas. Estava sem dúvida escrito que esta mulher soberba e iracunda fosse castigada amando-me, e que eu por ela me visse enredado em novas tramas.

Eu já não era senhor de ir à noite para hotel; e, durante o dia, tudo era bilhetes, recados e espiões.

Lastimava-se da minha frieza. Ciúmes sem objeto atentavam contra as mulheres que podia merecer-me leves atenções. Queria até eu as tratasse grosseiramente, se o meu caráter se prestasse a tanta abjeção. Dissaboreava-me este continuado tormento; mas era forçoso tolerá-lo. De boa fé me esforçava eu por amar Olímpia, amar que fosse quem fosse, contanto que me distraísse da inclinação perigosa que me avexava. No entanto, um lance de maior estrondo se preparava.

Eu era clandestinamente espiado no hotel por ordem da tal dama.

- Desde quando - perguntou-me ela - tens tu o belo pagem que tanto te interessa, que tantos cuidados te dá e tanto segues com a vista quando te serve no teu quarto? Porque o forças a tão austero recolhimento? Porque é que ninguém o viu ainda em Veneza?

E eu respondi:

- O meu pagem é um moço de boa família e de cuja educação eu por dever me encarreguei. É...

- É - replicou ela iracunda e fulminativa - é, traidor! É uma mulher! Uma das minhas confidentes viu-a vestir-se, através da fechadura.

- Dou-te minha palavra de honra que não é mulher.

- Não ajuntes a mentira a traição. Esta mulher não é feliz, porque há quem viu chorar. Tu só sabes atormentar os corações que se te dão. Enganaste-a, como a mim, e abandonaste-a, como a mim. Manda aos pais essa pobre menina; e, se as tuas prodigalidades te impedem de ser bom, eu a recompensarei. Deves-lhe um destino... Eu lho darei; mas é preciso que ela amanhã desapareça.

- Olímpia! - repliquei o mais serenamente que pude - juro e torno a jurar que não é mulher; e praza ao céu...

- Que querem dizer estas imposturas de “praza ao céu”, monstro! Despede-a, torno a dizer-te, senão... Mas tenho outro meio... eu te arrancarei a máscara, e ela ouvirá a razão, se tu não és capaz de ouvi-la...

Acabrunhado por tamanha torrente de injúrias e ameaças, mas fingindo-me insensível, fui para minha casa, bem que já muito a desoras.

A minha entrada impressionou os criados, e particularmente Biondetta, que pareceu receosa do meu estado de má saúde, bem que eu lhe afirmasse que estava bom.

Depois de me ligar a Olímpia, raras vezes lhe falara, sem que todavia o proceder dela comigo se alterasse levemente. O rosto, porém, denunciava a melancolia e prostração da alma.

Ao outro dia, apenas despertei, Biondetta entrou na minha alcova com uma carta aberta. Entregou-me e eu li:

“ Ao suposto Biondetto “

“ Não sei quem sois, senhora, nem o que fazeis em casa de D. Álvaro; mas sei que sois nova demais para ser indesculpável, e que estais em poder de sujeito para que se não tenha pena de vós. É de presumir que esse cavalheiro vos haja prometido o que promete a todas, o que todos os dias me jura, bem que determinado a trair-nos ambas. Dizem-me que tendes tanta discrição quanto formosura; é pois de esperar que vos aproveite um bom conselho. Estais em idade, senhora, de remediar a culpa que houverdes cometido; e uma alma sensível vos abre a ocasião. Não se pensa nos sacrifícios necessários à segurança de vosso repouso. Custe o que custar. É mister que ele seja adequado à vossa posição, aos intentos cujo abandono vos aconselharam, aos que podeis aspirar no porvir, e portanto vós mesma pautareis vosso destino. Se persistis em querer ser iludida e desgraçada, envolvendo outras em vossa miséria, acautelai-vos contra tudo que a desesperação pode inspirar mais violentamente a uma rival. Espero resposta.”

Lida a carta, restitui-a a Biondetta, e disse-lhe.

- Responde a essa mulher que é tola; e tu sabes melhor que eu quanto ela é tola.

- D. Álvaro conhece-a... Que julga dela?

- Julgo que ela me enoja há muito, e por isso a deixo; e para mais sobre o seguro de me livrar dela, vou esta manhã alugar uma linda vivenda que me ofereceram sobre a Brenta.

Vesti-me e fui logo alugar a casa.

Durante a ida fui refletindo nas ameaças de Olímpia. “Pobre louca! - dizia eu - querer matar a...”. E não pude nunca, sem saber a razão, proferir a palavra.

Concluído o contrato, voltei para casa, jantei, e receando que a força do costume me levasse para Olímpia, resolvi não sair mais.

Lancei mão de um livro; mas logo o depus, por não me poder aplicar à leitura. Fui à janela, e tudo me entediou em vez de me divertir. Entrei a passear rapidamente no meu quarto, buscando tranquilizar o ânimo com a contínua agitação do corpo.

VIII

Neste caminhar ao acaso, dirigi-me a um guarda-roupa sombrio, onde os meus criados guardavam coisas precisas ao meu serviço, mas impróprias da minha atenção. Nunca ali tinha ido. Seduziu-me a escuridão do sítio. Assentei-me sobre um cofre, e quedei-me alguns minutos assim.

No termo desta curta pausa ouvi rumor no quarto próximo; um raio de luz que me feriu a vista atraíu-me a uma porta pregada. A luz vinha do orifício da fechadura. Espreitei.

Vi Biondetta assentada em frente de seu cravo, com os braços cruzados, em postura de pessoa que devaneia profundamente. Rompeu ela o silêncio.

- Biondetta! Biondetta! Chama-me Biondetta. É a primeira e última palavra “carinhosa” que tem saído dos lábios dele.

Calou-se, e pareceu recair na profundidade de suas cogitações. Depois, assentou os dedos sobre o teclado do cravo que eu lhe vira concertar. Na estante fronteira estava um livro fechado. A meia voz, e acompanhando-se, preludiou e cantou.

Logo atinei que ela cantava uma composição improvisada. Atentei o ouvido e ouvi o meu nome e o de Olímpia. Improvisava em prosa sobre a sua situação e a da rival que reputava mais feliz; enfim, sobre o meu rigor e suspeitas que davam azo à inconfidência que me expulsava da bem-aventurança; porque ela me seria estrela condutora às grandezas, opulência e sabedoria - coisas necessárias à sua felicidade. “Ai! - dizia ela - é impossível! Quando ele soubesse quem sou, meus débeis encantos não lograriam cativá-lo; que a outra...”

No rapto da paixão, as lágrimas sufocavam-na. Ergueu-se, pegou dum lenço, enxugou os olhos e voltou para o cravo. Ao sentar-se deu tento de que a pouca altura da cadeira a constrangia. Tirou o livro da estante, pô-lo sobre o tamborete, abancou e preludiou novamente. Percebi que a segunda cena da música seria diversa da primeira. Reconheci a música de uma barcarola muito na moda então em Veneza. Repetiu-a duas vezes. Depois com voz mais distinta e firme, cantou estas trovas:

Ai! Que ilusão foi a minha!
Filha do ar, filha do céu,

Por Álvaro eu perdi tudo,
 O amor dele me perdeu!
 Já sem força, já sem brilho
 Rojo-me escrava no chão.
 E qual paga me compensa?
 Despreza-me a servidão!

Corcel, a mão que te guia,
 As crinas te hão de afagar;
 Tu vais cativo, oprimido;
 Mas não te querem magoar.
 O esforço a que te obrigam
 Dá o garbo, honra e valor,
 E o bridão, que te reprime,
 Não te punge aviltador.
 Ó Álvaro, outra te prende
 Longe de meu coração!...
 Diz os filtros com que pode
 Sopesar tua isenção!
 Cuidam que ela é sincera;
 Dão-lhe fé, porque ela o diz...
 Ela agrada... Eu não agrado...
 Suspeita-se da infeliz...

A desconfiança acerba
 Empeçonha o coração.
 Se estou presente, intimido;
 Na ausência, ódio me dão.
 Ai! Tormento imaginário!
 Sem razão, gemendo estou...
 Se falo, minto e me imponho;
 Se me calo, traiçoeira sou.

Amor, és pai da impostura...
 Impostora eu sou, Amor?
 Ai! Desta injúria nos vinga;
 Pune quem culpado for.
 Dá que o ingrato me conheça
 E deteste essa que é,
 E quem quer que seja, enlevo,
 Se eu não sou, de sua fé.

Decide da minha sorte
 A triunfante rival;
 Ameaça-me a desterro,
 Ou talvez golpe mortal...!
 Ah! Não quebreis vossos ferros,
 Ó zelos do coração,
 Que não vades causar ódios...
 Silêncio, minha aflição.(13)

O som da voz, o canto, o sentido do poema, o ritmo, levantaram em mim um alvoroço que não sei descrever. “Ente fantástico! Perigosíssima impostora! - exclamei saindo rapidamente do local onde me detivera longo tempo - Quem melhor imitaria as feições da verdade e da natureza! Que ditoso eu sou em só haver hoje conhecido esta fechadura! Quantas vezes eu aqui não viria deliciar-me e colaborar no meu próprio engano! Fora daqui! Vou para Brenta amanhã e desde já me escapulo!”

Chamei imediatamente um criado, e fiz conduzir para uma gôndola tudo que me era urgente ao passadio de uma noite na minha nova residência.

Ser-me-ia penoso esperar que anoitecesse. Saí. Andei à ventura. À esquina de uma rua, pareceu-me divisar, entrando num “Café”, aquele Bernardillo que fora com Soberano a Portici. “Outro fantasma a perseguir-me!” - disse eu. Baldeei-me à minha gôndola e corri toda Veneza de canal em canal. Davam as onze quando me recolhi. Quis partir para Brenta; mas os gondoleiros fatigados se recusaram. Chamei outros que vieram. Os meus criados, sabedores do intento, entraram adiante carregados com as suas bagagens. Biondetta seguiu-me.

Mal eu pusera o pé no tombadilho que alguns brados me fizeram voltar a face. Um máscara apunhalava Biondetta, gritando: “Queres valer mais do que eu? Morre, morre, odiosa rival!”

IX

Tão rápido foi o atentado que um dos gondoleiros, que ficara no cais, já não pode acudir. Ia ele sobre o assassino metendo-lhe o archote à cara, mas outro mascarado sobreveio minacíssimo, com uma voz trovejante que me pareceu ser a de Bernardillo. Saltei para terra com a cabeça alucinada. Os sicários fugiram, e, à luz do facho, vi a lívida Biondetta, banhada em sangue, a expirar.

Não há descrição para o que eu senti! Nenhuma idéia me preocupava já que não fosse estar ali uma mulher adorada, vítima de prevenções ridículas, sacrificada a vãs e extravagantes confianças, e até àquele momento aviltada pelos ultrajantes crudelíssimos que lhe eu fizera.

Curvo-me sobre ela, e ao mesmo tempo brado por socorro e vingança. Chega um cirurgião atraído pelo tumulto desta aventura. Faço transportar a mulher apunhalada para o meu quarto, e, receando que não a levassem com cuidado, sou eu que ajudo a conduzi-la.

Quando a despiram e vi aquele corpo gentil ensangüentado e ferido por dois grandes golpes, que pareciam romper as principais fontes da vida, disse e fiz mil desatinos.

Biondetta, ao que parecia, desmaiada, certo me não ouvira; mas o albergueiro e seus criados, um cirurgião e dois médicos entenderam ser perigoso para a doente deixarem-me ao pé dela. Arrebataram-me para fora do quarto.

Ficaram comigo os meus criados; e então, dizendo-me um deles imprudentemente que os médicos julgavam mortais as feridas, eu prorrompi em altos clamores. Extenuado enfim de meus transportes, cai em prostração à qual se seguiu adormecer-me.

E vi, então, minha mãe em sonhos. Contei-lhe a minha desventura; e, a fim de a sensibilizar, quis levá-la às ruínas de Portici.

“Não vamos ai, meu filho - disse-me ela - que estás em grande perigo.”

Ao passarmos por uns alcantis onde eu me embrenhava com pé firme, de súbito sou arrojado por mão estranha ao despenhadeiro. Reconheci que a mão era de Biondetta. Cai. Outra mão me levantou e achei-me nos braços de minha mãe. Acordo, então, arquejante de pavor. “Ó terna mãe, tu não me desamparas, sequer nos sonhos! E tu, Biondetta, queres perder-me? Mas este sonho é o efeito das perturbações do meu espírito. Ah! Repulsemos a idéia que me fariam esquivo à gratidão e a sentimentos de humanidade!

Chamei um criado e mandei saber dela. Estava com dois facultativos. Haviam-na sangrado copiosamente, mas receava-se a febre.

Ao outro dia, levantado o aparelho, decidiram que as feridas não eram perigosas, senão pela profundidade; mas a febre sobreveio, redobrou e foi mister quebrantá-la sangrando-a outra vez.

E eu tanto pedi que me deixassem entrar no quarto que não me houve recusarem. Biondetta delirava repetindo amiúde o meu nome. Contemplei-a. Nunca pareceu-me tão linda.

“Eis aqui - pensava eu - a mulher que eu cuidava um espectro luzentíssimo, um complexo de evaporações esplendorosas que me iludiam os olhos! Ela vivia da mesma vida que me alenta e, perde-a, porque eu não quis nunca ouvi-la e voluntariamente a expus. Que monstro, que tigre fui! Se morres, ó ente digno de ser adorado, não te sobreviverei, já que tão vilmente respondi às tuas carícias. Morrerei, sacrificando-te sobre a campa a infame Olímpia! Se viveres, serei só teu; reconhecerei teus benefícios; coroarei tuas virtudes e resignação; ligar-nos-emos por indissolúveis laços, e cumprirei um dever volvendo-te feliz com a oblação cega de meus sentimentos e vontades”.

Não descreverei os penosos esforços da arte e da natureza para renovar a vida num corpo que parecia dever sucumbir aos recursos empregados em seu alívio.

Vinte e um dias derivaram sem poder-se decidir entre o receio e a esperança; finalmente, remeteu a febre, e a enferma deu ares de recuperar o alento.

Chamei-lhe querida Biondetta e ela apertou-me a convulsa mão. Desde este momento em diante, deu tanto de tudo que a rodeava. Eu estava à cabeceira do leito, vendo-a com os olhos lacrimosos a fitar-me amorosamente.

Quando ela me encarava não sei dizer que expressão graciosa lhe divinizava o sorriso. “Chora, Biondetta! - murmurava ela - Eu sou a cara Biondetta de Álvaro!”.

Desejava falar-me, mas fui compelido a sair do quarto.

Resolvi ali ficar em sítio obscuro onde ela não me visse. Por fim, consentiram que eu me aproximasse do leito.

- Biondetta - disse-lhe eu - os teus assassinos são perseguidos.

- Ah! Perdoa-lhes - respondeu ela - devo-lhes esta felicidade. Se eu morrer, morro por ti. Se viver, viverei para te amar.

Forçam-me razões a abreviar os terníssimos lances que entretivemos até o dia em que os médicos permitiram que eu transferisse Biondetta para as margens do Brenta, cujo clima seria bom a vigorizar-lhe a convalescença.

Fomos ali residir.

Dei-lhe duas criadas para seu serviço logo que seu sexo foi reconhecido pela necessidade de lhe pensar os ferimentos. Cerquei-a de tudo que podia conspirar à sua comodidade, e todo o pulso envidei em consolá-la, aprazer-lhe e distraí-la.

X

Restauraram-se as forças a olhos vistos; e, quanto à beleza, era um rebrilhar de graças a mais não ser. E já quando o conversarmos largamente não poderia molestá-la, disse-lhe.

- Biondetta, amo-te em extremo, já creio que não és um ser fantástico, convenci-me de que sou amado, pesa-me o proceder vil das minhas inquietações. Diz-me o mistério da estranha aparição que me aterrou na abóbada de Portici. Donde veio e para onde foi aquele horrível monstro e aquele cão que precederam a tua vinda? Quem eram eles? Quem és tu? Tranqüiliza um coração que se te dá, e toda vida quer ser teu.

- Álvaro - respondeu ela - os nigromantes, espavoridos de tua audácia, quiseram ludibriar-te por meio do terror, e chegar por esse processo a reduzir-te a baixo escravo de suas vontades. Predispuseram-te de antemão para o medo, provocando-te à evocação do mais poderoso e formidável espírito; e, auxiliados por outros cuja categoria dominam, apresentaram-te um espetáculo que te mataria de pavor, se o vigor da tua alma não voltasse contra eles sua própria cilada. Em vista de tua heróica intrepidez, os sílfos, as salamandras, os gnomos e ondinas, encantados por tua coragem, resolveram dar-te a suprema vantagem sobre teus adversários. Eu sou sílfide de origem, e uma das mais distintas. Apareci sob a forma de cadelinha, recebi tuas ordens e todas, à competência, desvelamo-nos em te servir. Quanto mais altivez assumias, e resolução e inteligência em regular nossos atos, mais em dobro recrescia a nossa admiração e zelo em te servir. Mandaste-me que te fosse pagem, e te recriasse como cantara. Submeti-me com júbilo e tantas delícias me deu a submissão que resolvi consagrá-la para sempre. Decidi o que me cumpria ser para gozar a felicidade. Abandonada no vago aéreo a incertezas necessárias, sem sensações, sem gozos, escrava dos esconjuros dos cabalistas, ludíbrio de fantasiosos, forçosamente delimitada em minhas prerrogativas e conhecimentos, hesitaria na escolha dos meios que podem nobilitar minha essência? É-me lícito ser corpo e unir-me a um homem? Eras tu. Se me converto em mulher, perdendo nessa voluntária transformação o natural direito das sílfides e a assistência de minha companheiras, fruirei a ventura de amar e de ser amada. Servirei o meu vencedor; ensinar-lhe-ei a sublimidade do meu ser, cujos privilégios ele ignora. Avassalará, com os elementos do meu império abandonado, os espíritos de todas as esferas. Álvaro é feito para ser o rei do mundo; e eu serei a rainha, e a rainha que ele adora. Estas reflexões mais rápidas do que tu podes imaginar em uma substância desmembrada de órgãos, decidiram-me subitamente. Conservando o meu semblante, adotei um corpo feminino, que já agora deixarei com a vida. Ao vestir a minha essência deste corpo, Álvaro dei tento de que tinha coração. Admirei-te, amei-te... Mas que passou em mim, quando repugnância e ódio me transluziam de tuas palavras e gestos! Eu já não podia transfigurar-me, nem sequer arrepende-me! Submissa a quantos revezes pesam sobre criaturas de tua espécie, vítima de ódios dos espíritos e implacável rancor do nigromantes, eu, sem a tua proteção, tornar-me-ia a mais desgraçada criatura que cobre o sol. Que te direi mais? Desgraçadíssima seria eu já sem o teu amor.

Ao prestígio desta interessante narrativa ajuntai as mil graças que lhe abrilhantavam o rosto, a ação e o argentino da voz. Eu pouco ou nada percebera do que eu ouvira; mas qual era o lado inteligível da minha aventura?

Tudo isto me pareceu um sonho - dizia eu entre mim - mas a vida humana que outra coisa é que sonho? Estou sonhando mais desatinadamente que qualquer outro; e eis aí tudo.

Eu, pois, a via quase às portas da sepultura, percorrendo todos os termos da consumpção e da dor, sob a influência dos recursos da medicina.

O homem é um misto de lodo e água. Porque não há de a mulher ser feita de rocío, de evaporações terrenas e raios luminosos, de partículas condensadas do arco-íris? Onde está o possível? Onde está o impossível?

Em resultado de minhas reflexões, deixei-me ir ao sabor da inclinação, cuidando que o raciocínio me levava. Desvelei-me em carícias inocentes e esmerados desvelos com Biondetta. E ela deixava-se afagar com encantadora docilidade, e com um natural pejo que não é resultado da reflexão nem do receio.

XI

Nestas embriagantes doçuras decorreu um mês.

Inteira e restabelecida, Biondetta seguia-me a todos os passeios. Mande-i-a vestir de Amazona. Assim trajada, com um grande chapéu ondeante de plumas, atraía todas as atenções; e, sempre que aparecíamos, a minha felicidade era assunto para os invejosos que povoam, durante o estio, as formosas orlas do Brenta. Propriamente as mulheres pareciam haver renunciado ao ciúme de que as malsinam, quer subjugadas pela superioridade que confessavam, quer desarmadas por uma negligência que denotava menosprezo de toda superioridade.

De todos conhecido como amante querido de tão deslumbrante mulher, o meu orgulho igualava ao amor, e tanto mais me desvanecia quanto era sublimada a origem de Biondetta.

Certo estava eu de que ela possuía raros conhecimentos, e com razão presumia que nos havia de transmitir; todavia o falar de Biondetta versava sobre assuntos comuns, como quem, embebida no seu amor, tudo mais esquecera.

Como passeássemos, uma noite, sobre o terraço do meu jardim, disse-lhe eu:

- Biondetta, quando tão lisonjeiro afeto fez-me digno de ti, e tua vida se ligou à minha, prometeste dar-me a saber coisas não sabidas do homem comum. Pareço-te agora indigno dessa nobilitação? Tão ardente e tão delicado amor como o teu recusará engrandecer-me?

- Ó Álvaro - respondeu ela - eu sou mulher há seis meses, e figura-se-me que a minha paixão ainda não conta um dia. Perdoa-me se tão suave sensação embriaga uma alma que nenhuma outra comoção experimentou. O que eu queria era ensinar-te a amar como eu o amo; então, sim, com esse só sentimento, exaltar-te-ias sobre todos os homens; mas outras são as aspirações do orgulho humano. A natural inquietação não lhe concede possuir uma felicidade, se outra maior não lhe avulta em perspectiva. Sim, Álvaro, hei de instruir-te. De bom grado proponho o meu interesse, pois que a minha grandeza independe da tua; mas não basta a promessa de viveres comigo; é preciso que te dês a mim para sempre e sem reserva.

Estávamos sentados em um cômodo de relva, sob uma capa de madressilvas num recanto do jardim. Lancei-me em joelhos, e disse-lhe:

- Querida Biondetta, juro-te a mais ampla fidelidade.

- Não, que me não conheces, não me conheces... Quero uma absoluta renúncia; só isso me tranqüiliza e satisfaz.

Beijei-lhe a mão com enlevo, e repeti o juramento, ao qual ela saía com seus receios. No ardor do diálogo, nossas cabeças penderam mutuamente e os lábios encontraram-se... Eis que eu sinto que me puxam pela aba do casaco e me sacodem com estranhos empuxões.

Era o meu cão, um cachorro dinamarquês com que me haviam presenteado. Todos os dias me entretinha a ensiná-lo atirando-lhe o lenço. Como ele me fugira de casa, na véspera, mandei-o prender para que não se escapasse; mas, quebrando a gramalheira, e guiado pelo faro, dera comigo, e puxara-me pelo fato para me mostrar o seu contentamento e desafiar-me à brincadeira. Enxotei-o com palavras e gestos; mas não houve afastar-se. Corria e voltava, latindo à volta de mim; por último, vencido da impertinência tomei-o pela coleira, e reconduzi-o a casa.

Quando voltei para Biondetta, um criado que me seguia de perto, disse-me que estava o jantar na mesa, e, portanto, sentamo-nos, Biondetta pode ser que se sentisse então confusa, se felizmente um moço nobre não viesse passar conosco o sarau.

Ao outro dia fui ao quarto de Biondetta disposto a participar-lhe umas judiciosas reflexões que me tinham preocupado durante a noite. Estava ainda na cama: sentei-me à sua beira.

- Ontem - disse-lhe eu - estivemos a ponto de praticar uma loucura que me seria remorso para toda a vida. Minha mãe quer que eu me case. Eu só posso ser teu, e sem ti não posso contrair enlace grave. Ora eu, já que me afiz a considerar-te minha esposa, querida Biondetta, quero respeitar-te.

- E não devo eu também respeitar-te, Álvaro? E tal sentimento não seria a morte do amor? O seu veneno?

- Estás iludida - disse-lhe eu - não seria veneno, seria antes um delicioso condimento.

- Belo condimento! Que ar glacial é esse!?... Parece que em mesma estou empedrando! Ah! Álvaro! Eu felizmente não tenho idéias de conveniências nem inconveniências, nem pai, nem mãe, e quero amar com toda alma sem condimentos dessa natureza. Tu deves respeitar tua mãe; é natural; basta, porém, que a sua vontade conferisse a união de nossos corações; é desnecessária a procedência dela. Entre vós os preconceitos enxameiam à mingua de luzes, e quer raciocinem, quer desvariem, os homens procedem tão disparatados quanto extravagantes. Submissos a verdadeiros deveres, aceitam outros cujo cumprimento ou é impossível ou inútil: finalmente esforçam-se por sair da vereda por onde unirmo-nos depende de alheias vontades. Quem sabe se D. Mência me achará de geração assaz ilustre para entrar na casa solarenga de Maravillas? E serei por isso rejeitada? Ou, em vez de te haver de ti mesmo, ser-me-á preciso obter-te dela? É um homem predestinado ao alto saber que me fala, ou um rapaz que vem lá das serras das Estremaduras? E devo ter menos delicadeza quando vejo que se acata mais a dos outros que a minha? Álvaro, Álvaro, alardeiam por aí o amor dos espanhóis; o que eles têm muito mais forte que o amor é o orgulho.

Eu tinha presenciado cenas muito esquisitas; mas não estava preparado para esta. Quis eu desculpar o acatamento a minha mãe: prescrevia-me o dever e a gratidão, e o afeto, mais forte que o dever. Não a impressionei.

- Eu não me fiz mulher para tão pouco, Álvaro - replicou ela. Tu recebes-me de mim mesma; quero que de ti mesmo sejas meu. D. Mência, se é louca, depois desaprová-la. Não quero que me fales

mais de tal. Desde que me respeitas , e respeitadas a toda a gente, sinto-me mais infeliz do que no tempo em que era odiada.

E rompeu em pranto desfeito. Felizmente sou altivo, e a isto devo não cair pusilanimamente aos pés de Biondetta para modificar aquele irracional despeito, e estancar lágrimas que me exasperavam. Passei ao meu gabinete. Se aí me aguilhoassem, ter-me-iam feito bom serviço. Afinal, receando pelo êxito da luta em que me debatia consigo mesmo. Corri a embarcar-me na gôndola. Encontrei uma das criadas de Biondetta, e disse-lhe:

- Vou a Veneza. Sou lá preciso por causa do processo instaurado contra Olímpia.

E abalei nas presas de devoradores sobressaltos, descontente dela e ainda mais de mim, vendo que não teria evasiva que não fosse covarde ou desesperada.

XII

Cheguei à cidade; aprobei à primeira rua. Percorri-as todas, sem dar tino de que ia estalar sobre mim uma grande trovoadas, nem me inquietar em busca de abrigo.

Era por meado de julho. A súbitas, varejou-me uma saraivada e chuva torrencial. Vi uma porta aberta: era uma Igreja de convento de franciscanos. Refugiei-me lá.

Refleti que só este incidente me impulsara a entrar em um templo, desde que estanciava nos estados venezianos; depois, desculpei-me deste absoluto olvido dos meus deveres. Por derradeiro, querendo desapossar-me de tais idéias, entrei a examinar os painéis e os mausoléus da Igreja; era uma espécie de curiosa viagem que eu fazia ao longo do coro e das naves.

Cheguei a uma capela soturna, alumiada por um lampadário. Luz do Sol não podia coar-se lá. O que quer que fosse alvejante desde o fundo da Capela me deslumbrou: era um jazigo.

Dois gênios pousavam sobre um sarcófago de mármore negro uma figura de mulher. Outros dois choravam à beira do túmulo.

As figuras eram de mármore branco com um alvor natural, relevado pelo contraste, refrangido vivamente a frouxa luz da lâmpada, por maneira que pareciam ter luz sua, e alumiar de per si a lôbrega cripta.

Acerquei-me, e examinei as estátuas; pareceram-me admiravelmente esculpidas, cheias de expressão e primorosíssimas. Fitei os olhos na frente da principal. Pensei ver o retrato de minha mãe. Verguei sob o peso de viva dor e santo respeito.

- Ó mãe! Este frio simulacro com a vossa imagem adorada vem avisar-me que a desordem de minha vida te levará à sepultura? Ó digníssima entre as mulheres! Por mais perdido que eu esteja, o teu Álvaro tem na sua alma intactos os teus direitos. Antes de se apartar da obediência que te deve, morrerá. Ai! É enorme a paixão que me dilacera: já não posso refreá-la, não! Pois que falaste a meus olhos, ó mãe, fala-me ao coração; e, se eu devo esmagá-lo, diz-me como possa fazê-lo sem perder a vida.

Proferida com veemência esta invocação enérgica, prostrei a face na laje, e aguardei assim abatido a resposta que eu confiadamente esperava, tanto era o meu entusiasmo! Reflexiono agora - o que então não podia fazer - que todas às vezes que invocamos socorros sobre humanos para regramento

de nossa vida, se os exoramos com força, embora não sejamos atendidos, o recolhimento em que nos concentrarmos para os receber, dá-nos modo de exercitar os recursos da nossa própria prudência. Eu merecia ser abandoando à minha, que me sugeriu este alvitre: “Entre ti e a tua paixão interpõe um dever que cumprir e uma grande distância; depois os sucessos te darão luz.”

- Vamos! - disse eu erguendo-me de salto - vamos abrir minha alma a minha mãe, e refugiemo-nos mais uma vez neste sagrado asilo.

Voltei ao hotel, aluguei um sege, e sem me importar com equipagens, abalei para Turim, para ir daí à Espanha por França; antes disso, porém, meti em uma carteira uma nota do banco de trezentos cequins e a carta seguinte:

“Minha cara Biondetta:

“Arrancar-me de ti seria arrancar-me à vida, se me não consolasse a esperança de voltar breve. Vou ver minha mãe. Animado por tua brilhante idéia, vencê-la-ei, e virei formar por sua própria vontade a união de que pende a minha ventura. Sacrificarei a teus pés o restante de minha vida, satisfeito por ter cumprido meus deveres antes de me dar todo ao amor. Então conhecerás o que é um espanhol, Biondetta; segundo o meu porte, decidirás se eu, obedecendo aos deveres da honra e do sangue não sei por igual observar os outros. Quando vires o próspero resultado dos meus desígnios, não acoimarás de orgulho o sentimento que a eles me prende. Não posso duvidar do teu amor, que me devotará completa submissão: maiores realces lhe descubro ainda nesta tua fria condescendência em projetos que todos tendem à nossa felicidade. Envio-te o que pode ser preciso ao custeio das despesas de nossa casa. De Espanha te mandarei o que menos indigno me parecer de ti, então quanto a mais viva ternura te não conduz para todo o sempre o teu escravo.”

Ei me caminho da Estremadura. Era a mais formosa quadro do ano. Tudo favorecia a minha impaciência de chegar à Pátria. Já se entreviam as torres de marfim quando uma caleça de posta ordinária, perpassando pela minha, parou, e deixou que eu visse através da portinhola uma mulher gesticulando e esforçando-se por sair.

O meu boleeiro parou sem aviso. E apeei-me e recebi Biondetta nos meus braços. “Álvaro, abandonaste-me!” Não me disse mais nada.

Levei-a à minha sege, único local onde eu podia sentá-la comodamente. Felizmente que o trem era de dois lugares. Fiz o que pude por lhe facilitar a respiração arquejante, desapertando-lhe os vestidos abafadores; e depois sustendo-a nos braços, prossegui jornada na situação que podem imaginar.

XIII

Paramos na primeira estalagem de sofrível aparência. Fiz transportar Biondetta ao melhor quarto. Deitei-a e sentei-me a seu lado. Obtive espíritos, elixires próprios a restituir-lhe o alento. Por fim descerrou as pálpebras.

- Mais uma vez quiseram que eu morresse... Serão satisfeitos... - murmurou ela.

- Que injustiça! - repliquei - um capricho te revolta contra atos desejados e precisos pelo que me respeita. Exponho-me a transgredir deveres, se não te resisto e exponho-me a desgostos e remorsos que perturbarão o sossego do nosso enlace. Deliberei afinal fugir para ir buscar licença de minha mãe...

- E por que não me disseste francamente toda a verdade, cruel! Não sou eu tua escrava? Iria contigo. Mas deixar-me tão sozinha, sem proteção, nas garras dos inimigos que por tua causa, granjeei, deixar-me ao alcance das mais humilhantes afrontas por amor de ti...

- Explica-me, Biondetta, quem se atreveria...

- E que custava a vitimar um ser tão fraco sem auxílio de ninguém? O infame Bernardillo seguiu-nos até Veneza; e apenas tu saíste, cessou de requeijar-te, sem forças contra mim depois que sou tua, mas podendo conturbar o ânimo das pessoas que me servem, fez rodear de fantasmas, criaturas dele, a tua casa de Brenta. As minhas criadas, espavoridas, fugiram-me. Segundo um boato geral, autorizado por muitas cartas, um trasgo arrebatou um capitão das guardas do rei de Nápoles, e levou-o para Veneza. Afirmam que esse trasgo sou eu, e todos os indícios o confirmam. Todos se arredam de mim com horror. Imploro companhia e compaixão. Ninguém! O ouro enfim alcança o que se denega à humanidade. Vendem-se caríssima uma sege: encontro boleeiro, e sigo-te...

A minha firmeza estremeceu com esta desgraçada narrativa.

- Eu não podia antever sucessos de tal natureza - disse-lhe eu. Eu tinha-te visto respeitada de todos os moradores da margens de Brenta. Cuidaria eu que na minha ausência te disputassem o que tão bem adquirido te parecia? Ó Biondetta, tu tens um claro entendimento... e não prevista que, repugnando a tão razoável propósito com era o meu, me impelias a desesperados expedientes! Porque...

- Quem é que pode conter-se?... Sou mulher por minha própria escolha, Álvaro; mas, enfim, sou mulher, exposta a sentir as impressões todas... Não sou de mármore. Escolhi entre as zonas da matéria elementar de que meu corpo se formou, matéria sensívelíssima; que, se não o fosse, não seria eu sensível, nada me comoveria de ti, e fria e insípida coisa eu seria a teus olhos. Perdoa-me ter-me eu sujeitado a reunir todas as imperfeições do meu sexo, quando procurava reunir todas as graças, podendo; mas a loucura está feita; e já agora, assim organizada, as minhas sensações têm vivacidade incomparável, a minha imaginação é um Vesúvio. Em suma, tinha paixões de violência tal que deveram aterrar-te, se tu não fosses o objeto da mais tempestuosa de quantas há aí, e se nós não soubéssemos melhor os princípios e efeitos dessas expansões naturais do que os doutores de Salamanca. Lá dão-lhes nomes odiosos; pelo menos prelecionam teorias que as apagam. Apagar uma flama do céu, mola única por onde o corpo e alma podem reciprocamente atuar-se e concorrer para a necessária conservação do seu consórcio, não há nada mais parvo, meu Álvaro! É mister que cada um paute seus movimentos; mas, há casos em que é força ceder. Contrariar paixões, assanhá-las é dar-lhes trela e brida, que não há razão que depois as refreie. Desculpa-me, Álvaro. Tenho seis meses de idade mulhêr; tudo que me comove me entusiasma. Imagina que uma tua recusa, uma palavra irrefletida, irritam o amor, esporeiam o orgulho, abrasam o despeito, o zelo, o medo, que sei eu? Eis-me com a minha pobre cabeça doida, e o meu Álvaro tão desgraçado como eu!...

- Biondetta - redargüi - há sempre em ti coisas novas que assombram, mas eu creio ver a Natureza na confissão que me fazes da tua índole. Nós acharemos na nossa recíproca ternura recursos contra ela. E demais, que bons conselhos nos não dará minha mãe que nos vai acolher em seus braços! Ela há de querer-te muito, tenho a certeza e tudo contribuirá para que os dias se nos dobrem felicíssimos.

- Força é querer o que tu queres, Álvaro. Eu conheço melhor o meu sexo e confio menos do que tu; mas por te comprazer, obedeço e entrego-me.

Contente de me ver já a caminho de Castela, em companhia da mulher que me escravizara razão e sentidos, dei-me pressa de entrar nos Alpes para chegar à França, mas parecia contrariar-me o céu desde que eu ia acompanhado. Horrendas tempestades me tolhem a jornada, atravancando as estradas. Os cavalos cansam. A minha sege que parecia nova e sólida, quebra-se a cada passo, quer nas rodas, quer no eixo ou nos varais. Por fim, após infinitos trabalhos, cheguei ao desfiladeiro de Tende.

Entre os motivos de alvoroço e estorvos de viagem tão contrariada, admirei a personagem de Biondetta. Já não era a mulher terna, melancólica ou exaltada que eu tinha visto. Posto o intento em me consolar dos meus tédios, gracejava os mais salgados remos, querendo insinuar-me que as fadigas não lhe eram nada molestas.

Todo este chacear alegre era intervalado de carícias tão meigas que eu me não podia esquivar, bem que me deixando acariciar, reservava o meu orgulho, enfreado a violência dos desejos. Bem me lia ela nos olhos tudo o que ia lá dentro; e o mais é o que procurava exacerbar os ímpetos da paixão. Convenho que estive a pique de me perder. Em uma dessas vezes, se não se quebrasse uma roda, não sei onde iriam parar os pontos de honra. Isto me serviu de escarmento para o diante.

XIV

Chegamos a Lyon depois de incríveis empecos. Condescendi em aí me demorar alguns dias. Biondetta fazia-me notar a facilidade e desenvoltura do viver da nação francesa.

- É em Paris, e na Corte que eu te queria a residir - dizia-me ela. Aí te sobejariam recursos de toda espécie, figurarias a bel-prazer, e eu sei como tu lá exercias uma grande posição. Os franceses são galãs. Se eu não fio demasiadamente da minha beleza, estou que toda a mocidade distinta me prestaria homenagem, e eu todos sacrificaria ao meu Álvaro. Que bela e triunfante aspiração para a soberba dum espanhol!

Tomei à conta de galhofa semelhante proposta.

- Não - voltou ela - isto em mim é uma fantasia séria...

- Pois vamos quanto antes para a Estremadura - retorqui eu - e virei depois apresentar à corte francesa a esposa de D. Álvaro Maravillas, por que a ti decerto não te quadra ser apresentada como aventureira.

- Estou no caminho de Estremadura - tornou ela - é preciso que eu almeje essa terra como local onde a felicidade me espera. Poderei eu esquivar-me a encontrá-la?..

Bem a percebi, sondava-lhe a repugnância, mas ia fíto no meu alvo; e em breves termos achei-me em terra de Espanha. Os imprevistos obstáculos, os barrancos, as rodeiras descalçadas, os areeiros ébrios, as mulas manhosas, davam-me ainda menos tréguas que os contratempos de Piemonte e Sabóia.

Barra-se muito contra a estalagem de Espanha, e com razão. Todavia, eu me dei por ditoso quando os revezes sofridos de dia não me obrigavam a passar as noites nas estradas, ou em alguma granja arredia.

- A conjecturar disto se vê, a que país vamos? Estamos ainda muito longe? - perguntava-me ela.

- Estás em Estremadura, dez léguas quando muito afastada do castelo de Maravillas.

- Decerto lá não chegaremos: o céu veda-nos o aproximarmos

Olhei para o céu e nunca o tinha visto tão ameaçador. Observei a Biondetta que o casalejo, onde estávamos, abrigar-nos-ia da borrasca.

- E do trovão também?

- E que importa o trovão a ti, habituada a pairar nos páramos do alto ar, e que tantas vezes o viste formar-se, e tão de fundamento lhe deves conhecer a natureza física!

- Eu não o temeria tanto, se o conhecesse menos. Por amor a ti me submeti às causas físicas; e se as temo é porque elas são físicas e matam.

Estávamos sobre os dois montes de palha nas duas extremidades da granja. Entretanto, a trovoada, anunciando-se ao longe, avizinhou-se ribombando pavorosamente. O céu figurava um incêndio a serpejar batido por contrários ventos; os trons dos trovões, repercutidos nas cavernas das serranias, estralejavam horridamente em redor de nós. Não se sucediam, recruzavam-se. Ventania, saraiva, chuva aporfiavam no terror do medonho quadro que nos afligia. Relampejou um corisco que parecia abraçar o nosso abrigo; depois um estampido pavoroso. Biondetta, com os olhos cerrados e os dedos nos ouvidos, precipitou-se em meus braços exclamando:

- Ai! Álvaro, que eu estou perdida!

Tentei sossegá-la.

- Põe a mão sobre o meu coração... - balbuciou ela.

E levou-me ao pescoço a mão; e, posto que se enganasse dando-me a sentir as palpitações em sítio onde o arfar devia ser pouco sensível, notei que os arquejos eram extraordinários. Abraçou-me estremecidamente, e convulsionava-se a cada relâmpago. Por último, rebrama um trovão mais estrondoso que todos. Biondetta cingiu-se em mim por maneira que a faísca não poderia fulminá-la sem me ferir primeiro.

Pareceu-me singular tamanho medo e comecei a recear também, não direi os efeitos da tempestade, mas um plano guisado na cabeça dela para vencer a minha resistência aos seus intentos. Posto que mais arrebatado do que posso exprimir, ergui-me e disse-lhe!..

- Não sabes o que fazes, Biondetta! Sossega... Os trovões não te ameaçam nem a mim.

Fez-lhe espanto o meu ânimo frio; mas ela podia dissimular as suas idéias continuando a fingir-se aterrada. Porventura, a tempestade dera o derradeiro arranco. O céu abonçou-se, e logo a claridade da lua nos anunciou que não tínhamos que temer da inclemência dos astros.

Biondetta permanecia no local onde se assentara. Sentei-me a seu lado sem dizer palavra. Enquanto ela parecia dormir, engolfei-me em tristezas como as nunca experimentara desde o começo da minha aventura, a cismar nas conseqüências terríveis da paixão. Darei muito pela rama aquelas meditações. A minha amante era formosa; mas eu queria fazê-la minha mulher. Sobressaltou-me o dia nestes pensares. Ergui-me para ver se podia seguir jornada. Era impossível fazê-lo desde logo. O areeiro que conduzia a caleça disse que as mulas estavam escalavradas. Neste embaraço me encontrou Biondetta.

Ia-se exaurindo a paciência, quando um homem de carão sinistro, muito vigorosamente contornado, apareceu diante da porta da granja, tangendo duas mulas de boa aparência. Propus-lhe levar-me a minha casa, cujo caminho ele sabia, e logo nos conchavamos no ajuste.

Eu ia embarcar-me na caleça quando me pareceu conhecer uma mulher da minha aldeia que caminhava seguida de um criado. Avizinhei-me, fitando-a. Era Berta, lavadeira honrada da minha terra e irmã da minha ama. Chamei-a; parou, e encarou-me consternadamente.

- É Vossa Excelência, Sr. D. Álvaro? Que vai fazer a um lugar onde a sua perda é certa por causa das desgraças que lá causou?

- Eu, Berta! Que fiz eu?

- Ah! Sr. D. Álvaro! A consciência não o acusa da situação em que se acha sua digna mãe, a nossa querida senhora reduzida a...

- Ela está a morrer? Está a morrer? - bradei-lhe eu.

- Está... confirmou Berta - e morre de tristeza que o Sr. D. Álvaro lhe deu. A esta hora, nem ela já viverá... Recebeu cartas de Nápoles e de Veneza, donde lhe mandaram dizer coisas que arrepiam os cabelos. O Senhor seu irmão está furioso, e diz que o há de denunciar e entregar à justiça.

- Vá senhora Berta; e, se chegar antes de mim a Maravillas, diga a meu irmão que eu vou lá ter.

XV

E sem mais detença, convidei Biondetta a entrar na caleça, e simulei quanto pude pela serenidade de alma, ostentando firmeza; mas ela estava receosa.

- Pois como é isto? - exclamou Biondetta - Vamos entregar-nos a teu irmão? Vamos agravar coma a nossa presença uma família irritada e um povo alvorotado?

- Não temo meu irmão. Se ele me assaca erros que não pratiquei é preciso que eu o desengane. E se os pratiquei devo desculpar-me e movê-lo à indulgência e compaixão, porque não sou mau voluntariamente. Se levei minha mãe à sepultura com a desordem de minha vida devo reparar o escândalo e chorar tão publicamente esta desgraça, que a minha dor presenciada por todos me absolva duma culpa que seria desonrosa à minha condição.

- Ah! Álvaro! Tu vais perder-me e perder-te! Essas cartas enviadas de toda parte, esses preconceitos tão velozmente divulgados, são o resultado de nossas aventuras e perseguições que sofri em Veneza. O pérfido Bernardillo, que tu não conheces bem, vexa teu irmão, e há de incitá-lo a...

- Que tenho eu que recear de Bernardillo e de quantos covardes aí há no mundo? O pior inimigo que tenho sou eu mesmo. Ninguém poderá induzir meu irmão a vingança cega, a iniquidades e a feitos indignos de um homem de juízo e honra, dum rico homem finalmente.

O silêncio fechou este diálogo caloroso, donde se poderiam gerar desgostos recíprocos. Biondetta, porém, instantes depois adormeceu.

Como deixaria eu de me rever nela? Como contemplá-la descomovido? Sobre aquele rosto radioso de todas as formosuras e florescência de brilhante mocidade, o dormir realçava as graças naturais do repouso com aquele delicioso frescor e animação que embelece a harmonia das feições. Novos filtros me avassalaram, a delir-me as suspeitas. Cessa o meu sobressalto; e, se algum me resta, é porque a face querida, sacudida pelos solavancos da caleça, não sofra algum incômodo. Todo o meu empenho em ampará-la e defendê-la dos balanços; mas houve um tão rijo que não pude ampará-la ao tempo que a caleça se tombou e Biondetta expediu um grito. Quebrara o eixo, e as mulas ainda bem que pararam. Trato de a socorrer na mais ansiosa consternação. Estava ligeiramente contusa em um braço. Acharo-nos em uma esplanada com o sol a pique, pleno meio-dia, cinco léguas aquém de minha casa, sem prontos meios de seguir jornada, porque não se avistava lugarejo nenhum.

Todavia, tanto procurei ao longe que pude entrever fumo por sobre uma selva, copada de árvores altas. Entreguei a caleça à vigilância do areeiro e convenci Biondetta a seguir-me àquele sítio onde me preluzia algum socorro.

Quanto mais andávamos, mais a esperança nos animava. Já a floresta parecia destacar-se em duas, e daí a pouco distintamente vimos uma avenida com uma das cabanas lá no fundo; por fim descortinamos espaçosa granja.

Havia grande rebuliço naquele casal, à primeira vista, solitário. Logo que nos enxergaram de lá, um homem veio ter conosco, avizinhandose cortesmente. Tem um bom aspecto. Veste gibão de seda escura, avivado de carmezim com alamares de prata. Orçaria entre vinte e cinco e trinta anos. A tez é de aldeão, requeimada mas viçosa, com ares de robustez sadia. Conto-lhe o desastre que nos ali trouxera.

- Senhor cavaleiro - respondeu ele - bem vindo seja à casa de gente bem intencionada. Tenho aqui forja e o eixo será concertado; hoje, porém, ainda que o fidalgo me desse todo o dinheiro de duque de Medina Sidônia, meu amo, nem eu, nem meu oficial se poriam ao trabalho. Eu e minha mulher viemos agora da Igreja. Este é o dia mais alegre da minha vida. Entrem. Vejam a desposada, os meus parentes e amigos e vizinhos que estão em festa, e depois dirão se é possível por hoje mão em forja. Demais se a dama e o fidalgo se não atrigam de estar em companhia de gente que vive de seu suor desde o princípio da monarquia, vamos todos para a mesa, porque hoje tudo aqui é reinação e folia; não tem os senhores mais que folgar conosco. Amanhã se cuidará noutra vida.

E, ao mesmo tempo, ordenou que fossem buscar a caleça.

Aqui estou, pois, hóspede de Marcos, caseiro do senhor duque. Entramos no salão campestre arranjado para o banquete das bodas; compõe-se de arcarias afestoadas de flores, tomando o terreno da eira, a embeçar com dois bosquezinhos, por entre os quais a vista se espraia agradavelmente na esplanada.

Estava a mesa posta. Luísa, a noiva, está entre Marcos e eu. Biondetta está à beira de Marcos. Pais, mães e outros parentes estão em frente uns dos outros. A rapaziada sentou-se aos lados.

A desposada abaixava os seus grandes olhos negros mal ajeitados para olhares de esconso: tudo que se lhe dizia, até as coisas sem alusão nem chiste, faziam-na sorrir e corar.

Ao princípio, enorme gravidade: é o tipo nacional; mas à medida que os picheis se vão esvaziando, as caras vão despindo o tom sério.

Começa a bulha e o falario, quando de repente os provençais improvisadores da terra aparecem à volta da mesa. São uns cegos que cantam as seguintes coplas, harpejadas na guitarra:

Disse Marcos a Luisinha:
 “Queres tu meu coração?
 E ela disse: “Vem à Igreja;
 Falaremos lá então.”
 E lá, por boca e por olhos
 Ambos juraram de se amar
 Com amor de chama pura.
 E, se vós sois curiosos
 De ver esposo ditosos,
 Vinde ter à Estremadura.

Tem Luisa tino, e é bela;
 E Marcos que invejas faz!
 Mas todos eles desarma
 Porque é marido capaz.
 E toda a gente da terra
 Aplauda a escolha deles
 Para uma vida tão pura;
 E, se vós sois curiosos
 De ver esposos ditosos,
 Vinde ter à Estremadura.

Que almas tão bem ligadas
 Por simpatia leal!
 Seus rebanhos dormem juntos
 Dentro do mesmo curral.
 Penas, prazeres, cuidados,
 Votos, desejos, os mesmos,
 Uma só vontade pura!
 E, se vós sois curiosos,
 De ver esposos ditosos,
 Vinde ter à Estremadura.

Enquanto ouvíamos estas canções, singelas como seus autores, os criados da granja, desnecessários ao serviço, ajuntavam-se alegremente para comer os sobejos do festim. De mistura com ciganos e ciganas, convidados a aumentar o prazer da festa, formaram a sombra do arvoredor grupos de variada dança, que nos aformoseavam a perspectiva.

Biondetta solicitava incessantemente a minha atenção para aquelas coisas que tão docemente a divertiam, parecendo argüir-me de não compartilhar com ela da alegria que lhe davam.

XVI

Mas já vai demorado o banquete para a rapaziada que quer dançar. À gente já madura em anos cumpre condescender com a juventude. Desarma-se a mesa, que é de tábuas e bancos: tudo se arruma a um lado, formando-se das pranchas o coreto da música e anfiteatro. Dançam e fandango, as ciganas as castanhetas e pandeiros, a noiva dança também, dança todo mundo.

Biondetta devorava o espetáculo com olhos ardentes. Sem sair do seu lugar agita-se imitando todos os gestos que lá fazem.

- Parece-me - disse ela - que eu amaria o bailado furiosamente!

De repente, pega a bailar e leva-me de parceiro. Ao começar, pareceu acanhada e pouco destra; mas daí a nada, desenvolveu-se por feitio que toda ela era graça, ligeireza, vertigem e delírio. E não havia parar, senão quando por instantes alimpava as camarinhas de suor com seu lenço, com o meu, com quantos encontrava a jeito.

Eu nunca me apaixonei por dançar; e naquele dia, mal me estava eu cá no íntimo para me comprazer em divertimento tão fútil. Escapuli-me e entrei por um dos bosques, à cata de esconderijo onde pudesse sentar-me e a cismar.

Uma grande algazarra de palavreado me distraiu a meu pesar. Duas vozes altercavam perto de mim: “Sim, sim - dizia uma - é um filho do planeta, que entrará em sua casa. Olha, Zoradilla, que ele nasceu a três de maio, às três horas da manhã.

- Oh! A falar a verdade, Selagisa - dizia a outra voz - desgraçados filhos de Saturno! Aquele descendente de Júpiter, Marte e Mercúrio em conjunção trina com Vênus. O formoso rapaz que vantagens naturais não tem! Que esperanças não poderia nutrir! Que fortuna lhe sorri! Mas...”

Eu sabia a hora em que tinha nascido, e estava ali escutando aqueles pormenores tão precisamente amiudados. Voltei o rosto e encarei nas faladoras.

Vi duas Zíngaras velhas de cócoras. A tez esverdeada, os olhos cavos e fulgurantes, boca reentrante, narizes descompassadamente grandes e mirrados, tocando com as pontas nas queixadas, uns farrapos listrados de branco e azul à volta do crânio meio descabelado, um manteu a pender dos ombros até os encontros, de modo que as deixava meio nuas; em suma, uma coisa tão para nojo como para zombaria.

Aproximei-me delas.

- Falavam de mim, criaturas? - disse-lhes, vendo que elas me contemplavam e se entrefaziam trejeitos.

- Estava a escutar-nos, senhor cavaleiro?

- Decerto; e quem lhes disse tão a ponto a hora em que nasci?

- Temos outras coisas que lhe dizer, ditoso mancebo; mas é mister principiar por lhe assinalar a mão.

- Prontamente - e dei-lhe um duro.

- Vês, Zoradilla - disse a mais velha - vês como é fidalgo? Como é hábil a gozar todos os tesouros que lhe são destinados? Vamos... Afina a guitarra e acompanha-me.

E cantou:

Deu-te Espanha o nascimento,
Fostes em Nápoles criado:

Tens de terra o regimento;
Se te apraz, do etéreo assento
Tu serás o filho amado.

A prometida ventura
É varia, podes perdê-la:
Se tens tino, hei-la segura;
Pois que ela te procura,
Não hesiteis em prendê-la

Quem é este amável ente
Que teu poder subjuga?
É ele...

As velhas estavam na pojadura da inspiração, e eu era todo ouvidos, quando Biondetta, deixando o terreiro, correu para mim, tirou-me pelo braço e obrigou-me a sair dali.

- Por que me deixaste, Álvaro? Que fazias aqui?

- Estava ouvindo...

- Como? - tornou ela repuxando-me pois tu dás ouvidos a tais monstros?

- Realmente Biondetta, estas criaturas são singulares, e sabem mais do que se pensa; diziam-me elas que ...

- Decerto - replicou ironicamente - estavam exercendo seu ofício; liam-te a *buena-dicha*. E tu crês nisto?! Tanto espírito e tanta cianice! E é gente dessa que te distrai de mim?

- Pelo contrário, querida filha, elas iam falar-me de ti.

- De mim?! Replicou ela inquieta e temerosa - que sabem elas de mim... que podem dizer-te de mim? Tu desatinas! Hás de dançar toda a tarde para me compensar desta sensaboria.

Fui, entrei de novo no bailado mas sem atentar no que via nem no que fazia. Por fim, pareceu-me ajeitar-se-me ensejo de fugir: aproveitei-o e à meia volta estava com as minhas bruxas, que descobri sentadas debaixo de uma ramada ao fim da horta da granja. Pedi-lhes que me dissessem em prosa, sem enigmas, e laconicamente tudo que soubessem de alguma importância a meu respeito. A conjuração era de costa acima, porque o ouro saía das minhas mão em abundância. Ansiávamos todos, elas por falarem, e eu por ouvi-las. Logo me capacitei de que estavam sabedoras das mais secretas particularidades da minha família, e confusamente da minha ligação com Biondetta, e de meus receios e esperanças. Estava eu colhendo importantes avisos, quando o nosso Argus me espiava.

Biondetta, ao lóbrigar-me voava, não corria. Eu quis falar.

- Nada de desculpas! - bradou ela - a reincidência é imperdoável!

- Hás de perdoar-me - disse eu - estou certo que sim... E ainda que me estorvaste ser instruído quando eu queria, já fiquei sabendo bastante.

- Para fazer alguma loucura. Estou furiosa; mas não é esta a hora de disputas. Se nos não respeitarmos mutuamente, é preciso respeitar quem nos hospedou. Vamos outra vez para a mesa, e eu hei-de assentar-me ao teu lado; não hei de outra vez tolerar que me fuja.

Segundo a nova disposição do banquete, ficamos defronte dos noivos. Estamos ambos reanimados pelos prazeres daquele dia. Marcos tem brasas nos olhos; Luísa já os não tem tão pudibundos; mas o pudor para se vingar purpureia-lhe as faces com o mais vivo escarlate. O vinho Xerez gira à volta da mesa, e parece ter até certas alturas degradado dali o recato; até os velhucos, eletrizados por lembranças das rapazices, provocam os moços com umas chalaças menos espirituosas que desonestas. Dava-me na vista este quadro; mas à minha beira passava outro mais tocante e variado.

Biondetta, alternadamente apaixonada e despeitosa, com os lábios engatilhando gracejos abespinhados de desdém, ou brilhantes de sorrisos, acarinhava-me, mofava, ou beliscava-me até sangrar, e findava por me pisar docemente os pés. Para em breve o dizer, no mesmo momento, carícias, favores, remoques, ameaças; por maneiras que eu, combatido por essas vicissitudes, sentia a cabeça estonteada.

XVII

Sumiram-se os noivos. A maior parte dos convivas saiu, uns por isto, outros por aquilo. Também nós saímos da mesa. Uma mulher, tia do granjeiro, pegou duma vela de cera, foi adiante de nós, e levou-nos a um cubículo que teria doze pés em um quadrado, com um leito que não tinha quatro de largura, uma banquetta e duas cadeiras.

- Senhores fidalgos - disse ela - é o único quarto que lhes posso dar.

Pôs o castiçal sobre a banca e deixou-nos.

Biondetta abaixou os olhos. Disse-lhe eu então:

- Disseste que éramos casados?

- Sim; disse a verdade. Deste-me tua palavra e eu dei-te a minha. É o essencial. As cerimônias são precauções tomadas contra a má fé, e eu a mim não se me dá disso. Se nos falta alguma coisa, a culpa não é minha. Ora agora, se não queres deitar-te na mesma cama, terei muito pesar em te ver passar a noite mal. Eu cá por mim preciso descansar; estou muito cansada, e cansada por todas as asneiras.

Falando assim animadíssima, deitou-se e voltou-se para a parede.

- Então que é isso? - disse-lhe eu - Estás seriamente zangada Biondetta? Como hei de expiar as minhas culpas? Pede-me a vida.

- Álvaro - respondeu ela sem se mexer - vai consultar as ciganas, sobre o melhor modo de restaurar o repouso do meu coração e do teu.

- Pois o motivo da tua cólera é a minha palestra com as tais criaturas? Então, decerto me vais desculpar, Biondetta. Se soubesses como se harmonizam com os teus intentos os avisos que me elas deram... Se soubesses que elas me disseram que não fosse a Maravillas!... É o que te digo: amanhã partiremos para Roma, para Veneza, para Paris, para onde tu quiseses que eu vá habitar contigo. Lá esperaremos o consentimento de minha família...

Biondetta voltou-se para mim. Havia seriedade e até severidade em seu semblante, quando me disse:

- Lembras-te de quem sou, Álvaro? E o que eu esperava de ti, e o que eu te aconselhei que fizesses? Quando eu discretamente me servia das luzes de que sou dotada nada pude obter de tal contumácia; agora, porém, a nossa regra de proceder depende de dois entes perigosíssimos para ti e para mim, e ao mesmo tempo, desprezíveis! Em verdade - exclamou ela dolorosamente - tive sempre medo dos homens! Estive hesitando alguns séculos na escolha de um; e agora... escolhi... fez-se... é irremediável! Oh! Desgraçada!...

E debulhou-se em prantos, forcejando que não a visse chorar.

Sacudido por violentas paixões, ajoelhei, soluçando:

- Biondetta, não vês meu coração? Porque mo estás despedaçando?

- Não me conheces, Álvaro! E antes de me conhecer, far-me-ás cruelmente penar. É preciso que um último esforço te desvende o que sou, e ganhes assim a tua confiança e estima, para que eu não me veja mais exposta a confrontos aviltantes e perigosos. As tuas pitonisas inspiraram-me fundo terror, por isso mesmo que estão de acordo comigo. Quem nos afirma que Soberano, Bernardillo, teus inimigos e meus, se não disfarçam naquelas máscaras? Recorda-te de Veneza. Contrariemo-lhes as insídias com prodígios que eles decerto não esperem de mim. Amanhã vou a Maravillas, donde eles procuram afastar-me. Hei de ser recebida pelas mais esmagadoras e abjetas suspeitas. Não importa. D. Mência é uma senhora justa; teu irmão tem nobre alma; entrego-me a ambos. Serei um prodígio de mansidão, de complacência, de docilidade, de resignação, irei adiante de suas experiências.

Fez uma pausa, e murmurou muito dorida:

- Será aviltamento demais, ó miserável sílfide?

Quis prosseguir; mas embargaram-lhe os soluços a palavra...

Que fazer a tantas provas de paixão, indícios de angústia, resoluções discretas, movimentos de ânimo heróico? Sentei-me de par com ela, acariciei-a, embora me repelisse. Mas, pouco depois, já me não afastava, sem que por isso me deva desvanecer: é que a respiração lhe escasseava, fechavam-se-lhe os olhos, o corpo estremecia convulso, gelou-se-lhe o suor da fronte, faltou-lhe o bater do pulso e o corpo dir-se-ia cadáver, se as lágrimas não golfassem copiosas pelos olhos.

Ó magia das lágrimas! Não há aí mais poderoso talismã em mãos do amor! Desconfianças, resoluções, juramentos, tudo esqueci. Querendo estancar a fonte daquele precioso orvalho, aproximei os meus dos seus lábios onde a frescura vaporava olores de rosa; e, se eu tentasse retraindo-me, dois braços de indescritível alvura e contorno seriam laços impossível de desatar.

- Ó meu Álvaro! - exclamou Biondetta - Venci! Sou a mais feliz das criaturas!

Perturbado extraordinariamente, nem falar pude! Quedei-me vexado, imóvel! E ela saltou da cama, ajoelhou-se aos meus pés, e descalçou-me.

- Que é isso? - exclamei - vê que te rebaixas, Biondetta!

- Ah! Ingrato! - disse ela - servi-te quando eras meu déspota; deixa que eu te sirva também agora, meu amante!

Achei-me instantaneamente desenroupado! Com um laço que tirou da algibeira, atou-me os cabelos aleirados femenilmente.

Força, energia e destreza venceram quantos impedimentos empreguei... Com a mesma prontidão, fez o seu elegante desalinho, apagou a luz, e correu as cortinas ao do leito.

E então, com uma voz cuja doçura venceria as delícias da mais divina melodia disse-me:

- Fiz a felicidade do meu Álvaro como ele fez a minha? Não... A feliz sou eu só. Mas ele há de o ser também, porque assim o quero. Hei de inebriá-lo de gozos enchê-lo de ciências, elevá-lo ao fastígio das grandezas. Quererás meu amor, ser a mais privilegiada criatura, subjugar comigo os homens, os elementos, a Natureza toda?

- Ó querida Biondetta - disse eu quase contrafeito - tu me bastas. Preenches todas as ambições da minha alma...

- Não! - redargüiu ela com veemência - Biondetta não te é bastante... Esse não é o meu nome; destemo, lisonjeou-me, usei-o com prazer; mas é preciso que saibas quem sou... Eu sou o DIABO, meu caro Álvaro, eu sou o diabo!

Proferindo estas vozes com fascinante meiguice, fechava o mais exatamente possível a passagem à resposta que eu poderia dar-lhe. Logo que pude falar, disse:

- Biondetta, ou quem quer que sejas, não profiras esse nome fatal, nem me recordes um erro abjurado há muito tempo.

- Não meu amado Álvaro, não era erro: é que tem embaí, criança! Era preciso enganar-te para enfim te dar juízo. A tua espécie foge à verdade. Só admitis a felicidade com a cegueira. Feliz, se quiseses ser, há de sê-lo muito. Quero saciar-te. Já vês que não sou tão feio como me pintam...

Este tom zombeteiro acabou por desorientar.

- Responde-me - disse ela.

- Que queres que eu responda?

- Ingrato, põe a mão sobre este seio que te adora; que o teu coração se alente, se é possível, com a mesma pequena comoção do meu. Deixa coar às tuas veias algum deste fogo delicioso que me abrasa as minhas; adoça, se podes, o som dessa voz tão bom para inspirar amor, e de que te serves para subjugar a minh'alma tímida; diz-me enfim, mas diz-mo com a ternura que por ti sinto, diz-me: "Meu caro Belzebuth, adoro-te!"

XVIII

Este nome fatal, bem que maviosamente proferido, fez-me horror! Assombro e medo me confrangeram a alma. Morta a cuidaria eu, se lá no fundo do coração me não gritasse o remorso.

E, não obstante, a excitação assoberbava-me tão imperiosamente, que a razão não vingava acalmá-la. Eis-me indefeso nos braços dela, que me ceava vertiginosamente em torpes de deleites. Não me dá tempo a tornar sobre mim, e ponderar na falta de que ela, ou ele é mais autor que cúmplice.

- Os nossos negócios estão feitos - disse-me, sem alterar o tom de voz a que eu estava habituado - Vieste procurar-me, segui-te, servi-te, obsequiei-te: fiz o que de mim quiseste. Desejava possuir-te; e era preciso para o conseguir, que te desses todo a mim. É certo que devo ao artifício a primeira condescendência; quanto à segunda, eu já te havia dito meu nome: sabias a quem te entregavas, e não poderás alegar ignorância. De ora em diante, Álvaro, não se desatam os nós que nos prendem; mas para bem assentar nossa sociedade, é forçoso que nos conheçamos melhor. Como já te conheço por dentro e por fora, quero igualar reciprocamente as nossas posições, mostrando-me qual sou.

Nem tempo deu para refletir neste singular discurso. Ao meu lado silvou um agudíssimo apito. Esvai-se súbita a escuridão que me cerra. A cornija que sustenta o sobrecéu do docel enche-se de enormes caracóis, cujas pontas, movidas à laia de redouça, golfavam lingüetas de luz fosfórica, cujo lampear redobrava pelo movimento.

Quase ofuscado por este súbito clarão, lanço os olhos para o meu lado, em vez de figura esplêndida, que vejo, ó céus! A horrendíssima cabeça do dromedário! E ela profere, naquela vozeria de tenebroso trovão o *Chez vuoi*, que tanto me apavorava na caverna, espirra uma gargalhada de rir humano mais medonho ainda, e vomita uma língua imensa...

Despenho-me ao chão, meto-me debaixo da cama, fechando os olhos, com a face colada ao pavimento. Pulsava-me o coração com terrível força, sentia-me estrangulado, como se fosse morrer de asfixia.

Não posso calcular o tempo que passei nesta angústia inexprimível, quando me senti puxar por um braço. Aumentou o meu terror, forçado porém a abrir os olhos, uma luz vivíidissima me cega.

Já não era a luz dos caracóis, nem eles já passeavam pela cornija; mas era o sol que me dava de chapa na cara. Tornam a me puxar pelo braço, teimam. E então reconheço Marcos.

- Ó senhor fidalgo - disse-me ele - a que horas quer partir? Se quer hoje chegar a Maravillas não há tempo a perder, que é meio-dia.

Não respondi e ele examinava-me.

- Como o senhor ficou assim vestido na cama! Pois estive assim catorze horas sem acordar? Vê-se que estava muito falto de dormir. A senhora sua esposa bem o sabia, por que foi passar a noite com minha tia para não o incomodar; desde a madrugada que tudo está pronto, e pode entrar na carruagem, se quiser, A respeito da fidalga, já cá não está; demo-lhe uma boa mula, para ela ir pela fresquinha da manhã e disse que o esperava na primeira aldeia do caminho.

Marcos saiu. Maquinalmente esfreguei os olhos, e passei as mãos pela testa para achar o laço que me enastrava os cabelos.

Nada achei; a trancinha estava como na véspera, com a roseta, mas tudo desgrenhado.

- Eu dormiria? Perguntava-me eu. - Serei eu tão feliz que tudo isto haja sido um sonho? Eu vi-a apagar a luz. Foi ela quem a apagou, e ali está.

Voltou Marcos.

- Se quer almoçar, fidalgo, está pronto. A caleça já está pronta.

Desço da cama, e mal me tenho em pé; dobram-se-me os joelhos. Quero tomar algum alimento; mas não posso engolir. Quero indenizar o hospedeiro da despesa que fiz; e ele recusa aceitar, dizendo:

- A senhora satisfez-nos liberalmente. O fidalgo e eu temos duas mulheres de uma vez!

Não respondi ao dito; meti-me na caleça e parti.

Não sei descrever a desordem da minha cabeça; sei eu era tal que nem já a idéia de perigo de vida de minha mãe me impressionava senão debilmente. Com os olhos pasmódicos e a boca aberta, eu era menos homem que autômato.

O areeiro perguntou-me se a senhora nos esperava na primeira aldeia.

Não respondi. Atravessamos uma póvoa, onde ele perguntou em cada casa se tinham visto passar uma dama com tais sinais. Disseram-lhe que não tinha passado. O areeiro olhou para ver a inquietação que tal nova me dava. E, se ele a tal respeito não sabia mais do que eu, decerto veria nos meus gestos grande perturbação.

Já fora da aldeia, deu-me alma a idéia de que o objeto dos meus terrores me deixaria por algum tempo. Ah! Se eu chego a poder ajoelhar aos pés da minha mãe - pensava eu - se me posso acolher aos sagrado asilo da sua virtude, ó fantasmas que me perseguis, ousareis violar o meu santo abrigo? Eu acharei lá os sentimentos naturais e salutareis princípios de que me tinha apartado, e com eles me farei um baluarte contra os monstros! Mas se as amarguras ocasionadas pela minha libertinagem me terem privado daquele anjo tutelar! Ah! Então, viverei para a vingar sobre mim mesmo! Sepultar-me hei num claustro... Oh, Quem me resgatará destas quimeras geradas em meu cérebro! Valha-me a mortalha de monge! Mulheres, renuncio para sempre aos vossos encantos! Uma larva infernal se vestiu de quantas graças eu idolatrara... O que eu visse em vós mais sedutor me faria lembrar aquela que...

XIX

Em meio destas reflexões que me preocupavam recolhidamente, a caleça entrou na grande avenida do castelo.

E ouvi estas vozes:

- É Álvaro! É meu filho!

Ergo os olhos e vejo minha mãe na janela de seu quarto. Nada excede a doçura e vivacidade do sentimento que me delicia. Renasce-me a alma; as forças restauram-se todas a um tempo. Corro aos braços dela que se me abrem. Prostro-me e exclamo, coberto de lágrimas, e convulso de soluços: “Minha mãe, minha mãe, eu não fui o seu assassino? Reconhece-me como seu filho? Ah! Minha mãe, abraça-me!...”

A paixão que me transporta, a veemência de minhas atitudes por tanta maneira me alteraram voz e feições, que minha mãe ficou assustada. Ergueu-me com bondade, abraçou-me outra vez, e obrigou-

me a sentar. Eu quis falar; mas não podia; beijei-lhe e reguei-lhe as mãos de lágrimas, e beijos extremosos.

E ela encarava-me como assombrada. Supôs que me havia sucedido caso estranho, suspeitou até da sanidade da minha razão. Do mesmo passo que o desassossego, a curiosidade, bondade e ternura se manifestam nos seus olhares compassivos, a sua providência mandou que me trouxessem tudo que podia utilizar às necessidades dum viajante cansado por caminhos longos e intratáveis.

Os criados serviram-me à competência. Comi levemente por condescender. Todo o meu cuidado era já não ver meu irmão: perguntei por ele a minha mãe.

- João há de folgar de saber que estás aqui, pois que te escreveu a chamar-te; mas como as cartas idas de Madrid pouco há que partiram, não te esperávamos tão depressa. Tu és Coronel do regimento dele, que foi vice-rei para a Índia nomeado pelo rei.

- Céus! Exclamei - será falso tudo que vi em sonho? É impossível.

- Que sonho tiveste, Álvaro?

- O mais longo, espantoso e horrível que pode sonhar-se!

E, vencendo o orgulho e vergonha, contei-lhe por miúdo tudo que me sucedera desde que entrei na gruta de Portici, até o momento em que lhe ajoelhara aos pés.

Aquela respeitável senhora escutou-me com atenção, paciência e bondade extraordinárias. Como eu confessava a grandeza da minha culpa, achou a boa mãe que era inútil encarecê-la.

- Meu querido filho, correste após a mentira, e mesmo agora ela te arma cilada ao juízo. Julgá-lo pela notícia da minha doença, e pelo ódio de teu irmão. Berta, a quem pensas que falaste, há muito tempo está entrevada na cama. Nunca pensei em te mandar duzentos cequins além de tua mesada. Eu temeria alimentar os teus desregramentos, ou abismar-me neles com indiscretas liberalidades. O escudeiro honrado Pimientos morreu há oito meses. E tendo o duque de Medina Sidónia mil e oitocentos torres em todas as Espanhas não tem um palmo de terra no local que dizes. Bem sei onde é, e tudo que lá viste nessa granja é um sonho.

- Oh! Senhora! - Redargüi eu - O carroceiro que me conduziu viu tudo com eu, e até dançou nas bodas.

Minha mãe mandou chamar o areeiro; mas ele desatrelara as mulas, sem esperar o salário.

Esta fuga precipitada, que não deixava vestígios, incutiu algumas suspeitas em minha mãe.

- Nuñes disse ela a um pagem - vai dizer ao venerável Dom Quebracuernos que eu e meu filho Álvaro o esperamos.

- É - explicou ela - um doutor de Salamanca, que possui, porque merece, a minha confiança, e tu podes dar-lhe a tua. No fim do teu sonho há uma particularidade que me embaraça. Dom Quebracuernos conhece os termos, e definirá esses casos muito melhor do que eu.

O venerando doutor veio logo. Antes de falar, com a gravidade de sua presença, já incutia respeito. Minha mãe mandou-me contar desde o princípio a exposição sincera de minha rapaziada e dos

resultados subseqüentes. Escutou-me o doutor atento, espantado, às vezes, mas sem nunca me interromper. Assim que terminei, recolheu-se por segundos, e disse estas coisas ponderosamente:

- Em verdade, senhor D. Álvaro, escapou ao maior perigo a que pode expor-se um homem por sua culpa. O senhor provocou o espírito maligno e forneceu-lhe, com sucessivas temeridades, todos os disfarces que ele havia mister para conseguir seduzi-lo e perdê-lo. É muito extraordinária a sua aventura! Nunca li passo semelhante na Desdemonia de Bodin, nem no Mundo Encantado de Bekker. E força é convir que depois que estes insignes autores escreveram, o nosso inimigo refinou, prodigiosamente no sistema de nos atacar, aproveitando as esparrelas que os homens do século empregam para reciprocamente se infernarem. O diabo copia exatamente a natureza e sabe escolher; emprega o expediente dos talentos amáveis, arma banquetes bem condimentados, ensina as paixões a falarem a sua linguagem insidiosa, e até certo ponto remeda as virtudes. Este caso me aclara a vista para eu ver muitas coisas que por aí passam. Bastantes grutas sei eu que há por aí mais perigosas que a de Portici, e lá está multidão de obsessos que desgraçadamente não cuidam que o são. Quanto ao que diz respeito ao senhor, D. Álvaro, se precaver sabiamente para já e para o futuro, julgo-o de todo livre. Que o seu inimigo o deixou, isso não sofre dúvidas. Seduziu-o, é certo; mas não logrou corrompê-lo; que o intento e o remorso o preservaram, contando com os extraordinários socorros que lhe acudiram. Pelo que, tanto o triunfo do diabo, como a derrota de D. Álvaro, não montam mais que uma ilusão que o arrependimento acabará de desvanecer. No tocante a Belzebuth, é certo que faz uma retirada forçada; mas notem como ele soube disfarçá-la, e deixar, ao partir, a perturbação no espírito do possesso, e certas entidades intelectivas no coração para renovar o ataque, assim que dessem uma aberta. Depois de o iludir quanto D. Álvaro quis ser enganado, o demônio, forçado a mostrar-se em toda a sua fealdade, obedeceu como escravo que fermenta a rebelião; e não quis deixar-lhe alguma idéia razoável e distinta; antes quis mesclar o grotesco ao medonho, o pueril dos caracóis luminosos e cabeça horrenda, enfim, a mentira e verdade, vigília e sopitamento, de maneira que o confuso ânimo de D. Álvaro nada estremece, e possas crer que a visão que o aterrou era menos o efeito diabólico do que sonho causado por vapores do cérebro; ele, porém, separou astutamente a idéia do fantasma agradável de que se serviu para perverter a vítima. Se D. Álvaro lhe abrir ocasião, essa imagem reaparecerá. Entretanto, não aconselho que o senhor lhe contraponha a barreira do claustro. A sua vocação está indecisa. As pessoas instruídas são também precisas fora dos mosteiros. Atenda-me o nosso amigo. Contraia legítimos laços com uma pessoa do sexo amável; que sua respeitável mãe presida tal escolha. E oxalá que a donzela que lhe for escolhida por tal mãe, tantas graças e merecimentos tenha, que o senhor, D. Álvaro nunca se veja tentado a pensar que ela seja o diabo.

NOTAS DE RODAPÉ:

(1) Suprimem-se algumas canções por nos parecerem pouquíssimo momentosas na biografia, e de mérito muito duvidoso.

(2) Gérard de Nerval, autor de uma excelente biografia, á força de martelar no Espiritismo, de que revela funda e vaníssima ciência neste escrito, perdeu afinal a razão, como se infere nos seus últimos trabalhos, e suicidou-se. As desventuras de Cazotte, lastimadas pelo seu biógrafo, explicam a parte menos lúcida do trágico fim de Nerval. Téofilo Gautier, prefaciando a versão do Fausto admiravelmente interpretado pelo seu chorado amigo, responsabiliza os livros cabalísticos da morte daquele grande espírito, que jazia em trevas, quando escrevia aos iluminados.

(3) Volta Gérard de Nerval à transcrição de cantatas, que não trasladamos pela razão já apontada no n. 1.

(4) Ilide-se o extenso episódio concernente à vida de Rameau.

(5) Faut pas être grand sorcier pour ça.

(6) Alude à Pucelle, poema despejado de Voltaire.

(7) Nerval, extraindo mais amplos pormenores do relanço poético, presume que vai nisto o pressentimento que produziu Cazotte o seu trágico fim no cadafalso. Abreviamos o extrato para que a leitora não boceje, também, com as cabeças degoladas pela fada Begasse.

(8) Cá está o fermento que levou Gérard de Nerval à loucura. Ainda assim, a quimera andou dez anos a decompor-lhe o cérebro. Escrevia isto em 1845 e suicidou-se em 1855.

(9) Uma história universal escrita por Gérard de Nerval, e os grandes problemas assim luminosamente explicados, devia ser uma leitura, senão profícua, sobremaneira curiosa. Pena é que os espiritas modernos de França não evocassem o grande Frederico a iluminar o Frederico tenebroso de 1874.

(10) O biógrafo reproduz um sonho de Cazotte, abstruso tecido de dislates em que Gérard de Nerval descobre, a lâmpada de iluminado, vaticínios relativos à Revolução Francesa. O leitor e eu, privados da graça de Saint Martin não entenderíamos disto nada, senão que o autor dos Amores do Diabo, aos oitenta anos, retrocedera às crendices da infância.

(11) Contra as expressões sublinhadas, saiu Scévole Cazotte, o filho do condenado, em uma carta, escrita em 25 de julho de 1845, logo depois que apareceu a biografia escrita por Gérard de Nerval; diz a carta: “...Eu também fui condenado então; mas não executado, e M. de Nerval não pode recusar-me a consciência dos sentimentos que do coração de meu pai haviam penetrado no meu. Pois bem! Recordo-lhe as palavras do escocês Mountross a seus juizes, quando lhe deram a sentença que o condenava à morte, e que seu corpo, retalhado em quatro, fosse exposto nas quatro principais cidades da Escócia. Pesa-me - disse ele - que o meu corpo não possa fornecer bastantes pedaços que sejam expostos em todas as cidades do mundo, como padrões de minha fidelidade ao meu rei e às leis seculares de meu país. ‘Afirmo a M. de Nerval que os sentimentos de meu pai e os meus eram mais chegados a estas palavras que às outras citadas por M. Bastien...’. Scévole Cazotte (Scévole Cazotte morreu em junho de 1853, na idade de 89 anos).

(12) Que queres?

FIM



Sociedade das Ciências Antigas